

NATYSEÑO

Trajetória,
Luta e Conquistas
das Mulheres
Indígenas

Conami/2006

NATYSEÑO

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Secretário — Executivo

Jose Henrique Paim Fernandes

**Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização
e Diversidade**

Ricardo Henriques

NATYSEÑO

A Trajetória,
Luta e Conquistas das
Mulheres Indígenas

* NATYSEÑO - Palavra na língua Terena, Mulher Forte, Guerreira.

Fica proibida a reprodução de textos ou fotos, sem que seja citada a fonte, estando os infratores sujeitos às penas da lei. Todos os direitos são reservados ao CONAMI, Conselho Nacional de Mulheres Indígenas (conamibrasil@hotmail.com).

Idealização e Realização

Conselho Nacional de Mulheres Indígenas
CONAMI

Coordenação

Mirian Marcos Tsibodowapré

Projeto Gráfico/Editoração Eletrônica

Racsow

Edição e Texto

Simone Cavalcante

Entrevistas

Lucimar Divina da Silva

Marina Cândido Marcos

Maria Aurení Gonzaga da Silva

Giseli Peixoto de Souza

Revisão

Karla B. de Carvalho

Apoio Institucional

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

FALE/UFMG - Faculdade de Letras

Grupo Transdisciplinar de Pesquisas **Literaterras**: escrita, leitura, traduções

Ministério da Educação - SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade / CGEEI - Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena

USAID - United States Agency For International Development

IEB - Instituto Internacional de Educação do Brasil

SEPPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial



N285 Natyseño: trajetória, luta e conquista das mulheres indígenas. /
Conselho Nacional de Mulheres Indígenas -
CONAMI (organizador)
Belo Horizonte : FALE/UFMG , 2006

108p . : il., retrs.; 21 cm

1. mulheres indígenas - Brasil. 2. Índios - usos e costumes
3. Cultura indígena.

CDD 305.488

CDU 39 (=87) -055.2

Apresentação

Agradeço a todos pela oportunidade de mostrar a experiência desse grandioso trabalho, resultado dos 10 anos de luta. As mulheres indígenas estavam no anonimato, até surgir a idéia de pensar, idealizar e construir um espaço com legitimidade para dar voz às índias, como mães, como filhas e como partes importantes do processo de construção de respeito e amor. Esses ingredientes são a base dos nossos ideais.

Busquei essa iniciativa com mulheres tradicionais, pois todas têm o poder de influenciar nas decisões familiares e comunitárias, quando se busca decidir o melhor para o nosso povo. Fomos buscar em outras parentes indígenas, articuladoras políticas com mais experiência, um caminho comum que nos levasse a formas de representação com equilíbrio e respeito mútuo a cada visão diferenciada.

A idéia de publicar NATYSEÑO nasceu justamente para mostrar o sentido da luta das mulheres indígenas guerreiras e fortes. Mostrar como elas começaram a viver suas vidas de forma mais plena no instante que descobriram a coragem que existe dentro delas. Ao relatar histórias verídicas de mulheres que precisaram buscar na coragem a força para lutar e transformar suas realidades, NATYSEÑO torna-se um instrumento de mudança, porque despertará em outras mulheres indígenas o espírito de luta e o desejo de fazer o mesmo pela sua família e pelo seu povo.

Ler NATYSEÑO é desafiar o espírito de luta que existe em cada mulher, é expandir a auto-percepção e evitar condicionamentos. Nesse livro serão encontradas histórias de mulheres indígenas citadas e que não são famosas; são lideranças reconhecidas no movimento indígena por suas convicções e pela coragem de arriscar, encarar o futuro e perseguir seus sonhos. Mulheres virtuosas, à medida que a coragem é uma virtude, é o espírito da vida. Pertencem a um segmento do povo brasileiro extremamente discriminado, torturado e massacrado ao longo dos 500 anos de nossa história. São mulheres oprimidas, de povos reprimidos, porém fortes.



“ Ler esse livro é desafiar o espírito de luta que existe em cada mulher, é expandir a auto-percepção e evitar condicionamentos.”



“ O grande desafio para as mulheres indígenas é o fortalecimento da identidade cultural como base para o crescimento econômico. Acredito muito que vamos ser as protagonistas para a política indigenista do novo milênio. Somos nós que sabemos o significado da vida.”

Todas elas já passaram, em algum momento, por experiências que ameaçaram desestabilizá-las. Essas mulheres optaram pelo combate, pela peleja, por enfrentar a batalha, buscando dentro de si reservas de força. Foram em busca da energia dos ancestrais que cada uma das mulheres possui.

A sociedade, em geral, raramente reconhece a luta dessas mulheres, mas o reconhecimento é vital para que se possa conhecer a liderança feminina no universo indígena. Antigas lendas descrevem as mulheres indígenas como guerreiras que sabiam lutar valentemente. A mulher indígena é valente e precisa ser reverenciada como guerreira capaz de enfrentar qualquer batalha.

Nesse livro, muitas das entrevistadas são líderes, conselheiras, sábias que procuram, por meio de sua luta, resgatar o lugar que outrora ocuparam na história, realizando pequenas e grandes façanhas, que sem dúvida influíram no destino das novas gerações.

A maior parte delas começou aos poucos. Movimentou-se em direção à justiça e ao respeito pelo seu povo. Na verdade, elas sabem que a mulher indígena só alcançará o seu ideal quando for reconhecida e louvada por atitudes de enfrentamento aos desafios cotidianos. Isto é, por sua luta.

O grande desafio para as mulheres indígenas hoje é o fortalecimento da identidade cultural como base para o crescimento econômico. Acredito muito que vamos ser as protagonistas da política indigenista do novo milênio. Somos nós que sabemos o significado da vida.

Tendo em vista esses fatos, o CONAMI, por meio desta representante, mulher indígena do povo Terena, buscou uma nova forma de valorizar a nossa vocação, com o objetivo de estimular novas lutas e recuperar, por meio das histórias e experiências de cada uma das entrevistadas, o poder e a energia da mulher indígena. Cada depoimento expressa a realidade das mulheres e é uma homenagem à coragem feminina, à energia nata que nos capacita a agir com essa força.

Mirian Marcos Tsibodowapré
Presidente – CONAMI



O CONAMI – Conselho Nacional de Mulheres Indígenas, nasce como todo movimento autêntico, a partir da conscientização da própria mulher indígena brasileira, com autonomia dentro de uma diversidade étnica, mas carregada de propósitos para o fortalecimento dos direitos indígenas culturais, sagrados e políticos.

Juntamente com os primeiros movimentos indígenas como a União das Nações Indígenas – UNIND, formada por estudantes indígenas em Brasília e depois participando de reuniões importantes e assembleias, as mulheres foram se encontrando, se conhecendo trocando idéias e a partir disso, nascendo a necessidade de uma organização, mas que tivesse uma identidade legítima, diferente do movimento feminista mundial.

As primeiras conversas surgiram em 1992, durante a Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento, quando se descobriu que muitas mulheres que faziam parte desse trabalho, tinham a mesma preocupação e os mesmos objetivos: participar de igual pra igual, da luta indígena pela demarcação das terras, pelo respeito à cultura e a defesa do meio ambiente como bem comum.

Surgiu com o intuito de articular, promover, apoiar e defender os direitos das Mulheres Indígenas, o CONAMI foi criado em 25 de setembro de 1995, quando em Brasília-DF, realizou-se o **I Encontro Nacional de Mulheres Indígenas**, com a participação de 50 mulheres de 28 etnias indígenas presentes. Neste Encontro estavam presentes mulheres das 05 regiões do Brasil. Constitui-se, atualmente, na direção do CONAMI as senhoras Mirian Tsibodowapré, Suzana Xokleng, Maria Aurení Fulni-ô e Rose Terena.

A partir desse Evento, foi dada ênfase e destaque à luta para inclusão da participação e fortalecimento das Mulheres Indígenas do Brasil, que até aquele momento, não haviam saído do anonimato e pouco se ouviu falar deste Movimento. Outras lideranças femininas desta região e, que já existiam no “papel de cacique”, e também outras mulheres, quase não



apareciam: as suas lutas pela demarcação de terras ajudaram a construir as Organizações Indígenas, no anonimato. Entretanto, esta luta tem sido um processo longo, pois a relação da mulher com a sua Comunidade está sempre vinculada à cultura e tradições de cada Povo, os quais o CONAMI respeita.

Apesar de tudo isso, esse Movimento liderado pelo CONAMI vem avançando e conquistando aos poucos o espaço político para as mulheres indígenas começarem a se organizar nas suas regiões, lutando pelos seus direitos.

Esta Organização é uma instituição de referência no Brasil e no exterior, em relação à Mulher Indígena, e é necessário maior ampliação nas Comunidades Indígenas no desenvolvimento dos trabalhos dessas mulheres, para serem as protagonistas e participarem de todo o processo - dando destaque a esta luta, pois as mulheres são as primeiras educadoras das novas gerações indígenas. É possível que elas se organizem na sua forma de luta, e uma ampla visão dentro das suas tradições e culturas. Isto o CONAMI respeita muito!

Esta organização é autônoma. Não é ligada a nenhuma outra instituição pública ou privada. Foi criada pelas Mulheres Indígenas, cujas decisões foram acatadas pela maioria das mulheres presentes ao I Encontro.

Temos de quebrar as inúmeras barreiras que as Mulheres Indígenas enfrentam no silêncio que as cercam.

E o grande propósito de todo este Movimento será sempre este :

“Mulheres Indígenas fortes, unidas e organizadas, para que as políticas públicas a serem implementadas seja pelo processo de consulta às lideranças e as Comunidades Indígenas, com conhecimento livre, prévio e informado e tenham a ampla participação das Mulheres Indígenas.”.

A Direção



HOMENAGEM

à grande líder e guerreira

MARTA GUARANI

(29/07/1942 a 06/09/2003)

Ao publicar NATYSEÑO, o Conselho Nacional de Mulheres Indígenas – CONAMI, presta uma homenagem especial a Marta Guarani, guerreira implacável das causas indígenas e da união dos povos na luta pelos seus direitos.

Na questão da mulher, Marta destacou-se pela luta contra a violência e maus tratos contra as índias e denunciava os homens que batiam em suas companheiras, comportamento que atribuía ao convívio com outras culturas.

Consciente da importância e do valor da cultura indígena, Marta amou profundamente o povo Guarani e dedicou sua vida à luta pelo respeito aos povos indígenas: denunciou todo o tipo de arbitrariedade e maus tratos; aliou-se ao seu tio e grande líder Marçal de Souza, ao lado de quem batalhou pela recuperação e reconhecimento dos territórios tradicionais Guarani. Fortaleceu o movimento indígena nacional e sempre buscou melhorias para as aldeias e moradias urbanas, saúde e educação dos povos indígenas, principalmente os do Mato Grosso do Sul, expulsos de suas terras para dar espaço à dramática ocupação de monoculturas e criação de gado, que acabaram com as matas e os rios do estado e até hoje ameaçam o pouco que restou.

Sua dedicação ao povo Guarani começou cedo, tendo aos 28 anos sido obrigada a deixar a sua aldeia, Jaguapiru, perseguida por denunciar os desmandos do representante da Funai à época, que destituiu o cacique e o pajé, colocando em seu lugar um capitão e formando uma milícia no seio da comunidade indígena.

A partir daí Marta não parou mais. Continuou sua militância em Dourados e, em 1975, em Campo Grande, voltou a denunciar os maus tratos aos índios de todo o estado. Enfrentou barreiras enormes para lutar contra o latifúndio e encarar desavenças com grupos indígenas descomprometidos com a causa. Para essa luta, Marta criou a Associação Kaguateca,



“Tiraram a vida de uma de nossas lideranças, mas nós, mulheres, temos o poder de gerar outras.”

Marta Guarani, em 1998, na ocasião do assassinato do líder Xicão Xukuru, em Pernambuco.



reunindo vários caciques dos povos Kadiwéu, Guarani, Terena e Kaiowá.

Em 1986, com muitas dificuldades, foi candidata a vereadora, mas adoeceu. Lutou e conseguiu a criação de uma unidade da Funai em Amambai, região que reúne numerosa população indígena de vários povos.

Marta teve participação efetiva no reconhecimento dos Guató, dados como extintos, localizando, em Corumbá, anciãos desse povo. A guerreira Marta trabalhou ainda em levantamentos históricos que permitiram o reconhecimento e a demarcação da Terra Indígena Guató.

Em Campo Grande, sob a orientação de Marta Guarani, teve início a organização dos índios desaldeados, projeto cujo objetivo era se estender a todo o estado. Com esse projeto inovador, ela conseguiu, em 2001, a construção da aldeia urbana Água Bonita.

Após anos de luta e dedicação, o coração de Marta Guarani começou a mostrar cansaço e a intervenção cirúrgica não resolveu seus problemas cardíacos. Em 6 de setembro de 2003, aos 61 anos, um enfarte encerrou a grande vocação dessa inesquecível guerreira, que deixa a semente e uma lição completa de cidadania.

Ao apresentar Natyseño, o CONAMI reverencia a memória dessa grande guerreira, exemplo para todas nós.



Creuza Soripa

Creuza Soripa é cacique da aldeia Umutina, localizada no município de Barra do Bugres, Mato Grosso.

Eleita duas vezes presidente da Associação das Mulheres Otoporé, convenceu as mulheres de que não podia acumular tantas funções e mostrou que todas eram capazes de estar à frente da Associação. Hoje, por insistência de suas companheiras, ainda é a vice-presidente.

Com pouco estudo formal, aprendeu muito bem a sua língua e luta por melhorias para todo o povo Umutina.

Creuza dedica um bom tempo de seu trabalho para visitar as aldeias vizinhas e se reunir com as mulheres e com os homens, para discutir sobre o movimento indígena e a realidade das aldeias. Conversando, Creuza tenta quebrar a resistência masculina ao movimento das mulheres. Explica que elas não querem competir e sim fortalecer o movimento e a luta pelos direitos indígenas, hoje tão difíceis de serem respeitados e reconhecidos pela sociedade brasileira.



“ Mas só a sabedoria que eu tenho na cabeça, o que eu sei ninguém tem na cabeça. Por isso, eu sinto o maior orgulho de mim. ”

Infância e estudo

Estudei até o pré, porque onde eu morava não tinha professor. Vinham professoras brancas, ficavam uma ou duas semanas e depois iam embora da aldeia. A aldeia onde eu nasci e me criei é longe, era só pantanalzão. Então, só estudei o pré. Estudo maior eu não tenho. Sei ler um pouco, escrever um pouco, não tudo. Mas só a sabedoria que eu tenho na cabeça, o que eu sei ninguém tem na cabeça. Por isso, eu sinto o maior orgulho de mim. Quando eu me encontro numa reunião ou exposição e tenho que estar com as pessoas assim, grandes, lideranças que vêm de Brasília, Cuiabá, eu sei me colocar para eles. A minha sabedoria fica muito interessante. Eles acham muito interessante, porque a gente não sabe muito, mas tem a idéia na cabeça. Hoje, muita gente se interessa



pela minha idéia, outros não acreditam nessa sabedoria. Até mesmo quando a gente passa sabedoria para o estudante, ele não acredita. Mas, quando eles estão em apuros, eles procuram a gente.

Associação



"Aí, montamos um encontro só de mulheres, para discutir e escolher as representantes, porque no papel estava tudo pronto, só faltava registrar."

Como mulher, eu sou cacique, isso porque não pode se escrever cacica. Então, hoje, a presidente da Associação é uma professora. Eu saí como vice dela, sou a vice-presidente da Associação, aí vem a secretária, a tesoureira, etc.

Meu mandato já está vencendo. Agora vamos montar uma eleição. Fui eleita por duas vezes como presidente. Primeiro, quando a Associação começou, ainda sem estar registrada, foi só organizada, nome, tudo, né! Aí, montamos um encontro só de mulheres, para discutir e escolher as representantes, porque no papel estava tudo pronto, só faltava registrar.

Quando aprontamos tudo, falei que entregava o cargo, mas houve a insistência para eu ficar como vice-presidente e cacique e aceitei.

Dividimos as tarefas e uma foi procurar convênios e eu fui para as reuniões externas. Lá fora tem mais recurso, a gente aprende mais, eu acho muito ótimo para mim. Gosto do meu trabalho.

Eu sempre me interessei pelo trabalho da Associação, gosto muito da organização das mulheres lá fora e aqui nos organizamos também. Fizemos reunião, assembléia das mulheres. Fora é que você vê o trabalho das mulheres. Foi aí que eu me interessei. Quando voltei para a aldeia que fui visitar, eu coloquei para as mulheres daqui o que conversamos. Foi isso que eu gostei bastante de conversar. Começamos a colocar na cabeça de um e de outro. A mulherada foi falando e quando a gente percebeu já tinha uma associação das mulheres, a Associação das Mulheres Otoporé. Foi o meu tio, Junaparé, quando ainda estava vivo - Junaparé é homem guerreiro - que escolheu o nome Otoporé, que significa mulher guerreira, mulher que busca, mulher que vai lá na frente, mulher que luta, mulher brava.

Agora estamos correndo atrás para levantar aqui na aldeia

a casa da Associação, uma casa do artesão, para colocar um bocado de artesanato aqui dentro da aldeia. É disso que Associação está correndo atrás. Queremos montar mais ponto de turista, para vender o nosso artesanato, porque aqui a nossa renda é essa. Na Associação trabalham 10 mulheres.

Mulheres indígenas

Primeiro os homens dobravam toda a mulherada, não queriam entender. Eles falavam que a mulher estava passando por cima. Ai pensei: nós temos que ter alguma coisa para jogar para os homens para a gente chamar eles para apoiar o nosso movimento. Ai, fizemos uma reunião pesada entre mulheres e homens. Uma liderança, o André, falava que a gente queria passar por cima dele, que nós estávamos jogando ele fora, que nós falamos que ele não presta, que ele é isso, é aquilo, que só nós que estamos prestando e que mulher é para ficar na cozinha, cuidando da casa, cuidando dos filhos. Ai, toda a mulherada, tudo ficou quieta. Como sou cacique, e eu aprendi lá fora, levantei e falei:

- Eu vou colocar as minhas posições aqui para vocês, homens. Nós não estamos jogando vocês de lado, não tem mulher jogando vocês fora. Chega daquele homem morar sozinho, chega daquele homem lutar sozinho. Primeiro, marido morria na presença de mulher e mulher não sabia defender, não sabia lutar. Os homens iam pra baixo e pra cima, para buscar alimento para mulher comer. A mulher sozinha lá no mato não sabe como fazer para criar um filho, mas tem filho, sobrinho, cuida do filho, da filha, porque genro morreu. Então, chegou a hora de nós lutarmos tudo junto. Se isso aconteceu para o homem, aconteceu para a mulher. Então, nós todas estamos trabalhando em conjunto. E peço pra vocês: hoje, a mulherada precisa falar, porque não está sabendo o que está sendo colocado por vocês. Nosso objetivo é esse, não estamos jogando ninguém fora do nosso trabalho. Nós todos vamos trabalhar juntos. As mulheres também têm que parar de falar dos homens. Vocês têm que trazer eles para o nosso meio, não adianta brigar com eles, querer tirar eles de nada, nós precisamos deles, eles também precisam de nós." Foi aí que recomeçou nossa união. Hoje, nós estamos

"Eu sempre me interessei pelo trabalho da Associação, gosto muito da organização das mulheres lá fora e aqui nos organizamos também."



“Foi aí que recomeçou nossa união. Hoje, nós estamos igual, amigas deles. Os homens não brigam mais, mulher não briga mais com homem.”



igual, amigas deles. Os homens não brigam mais, mulher não briga mais com homem.

Numa visita à aldeia Tatoí, encontrei um homem bravo com o movimento das mulheres. Eu levantei e falei:

- Bom! Na minha idéia, como coloquei para o povo da nossa aldeia, que ficou assim igual a vocês mesmo. Chegou a hora, parente, chegou a hora de nós mulheres lutar com vocês. Chega daquela mulher ficar na casa ali, chega daquela mulher ver marido espancado. Ela sem saber lutar, vai fechar a porta, vai se esconder. Chega disso, isso já passou. Você vê polícia mulher, você vê guarda mulher ali fora, tanta mulher branca, não é só com o índio que está acontecendo isso. Primeiro era só homem branco que lutava, hoje em dia tem polícia mulher, tem guarda mulher. Então, tudo tem mudança, tudo tem que mudar. Como vocês não querem mudar o costume, então, nós estamos mudando. Aí, todo mundo bateu palmas.

E ele disseram:

- Ah! Parabéns, parabéns senhora.

Então, isso ficou na história para todo mundo ouvir. Tirei cópia, tudo levo, apresento. Então, com tudo isso, a gente tem força. Na Amazônia, em Cuiabá, o cacique de lá nunca teve conhecimento do trabalho da mulher, mas ele levantou de lá e disse: “Hoje em dia nós precisa de pessoa para acompanhar. Precisa do movimento indígena. Antigamente cacique resolvia tudo sozinho, nós precisava só de cacique”.

Antigamente, por que os índios foram roubados? Porque tinham uns caciques homens que sabiam ler, outros não. Então, assinavam papéis sem saber. Os caciques colocavam o dedo, assinavam coisas que tinham ouvido falar, mas no papel eram outras. Aí, o papel ia para Brasília e lá o índio não via nada. Não chegava nada de bom para o índio. Roubavam o índio. Então, chega com essa roubação. Porque hoje em dia, nós vamos trabalhar com caderno, com o chefe do posto, acompanhando tudo.

Um dia eu vou sair da Associação. Todas elas têm que ter conhecimento, ter voz para lutar. Então, eu já falei com elas. Elas perguntam:

- Por que você está falando isso, você vai embora daqui?

Eu digo:

- Porque vai chegando um dia que eu canso. Eu não sou boa de saúde, quase morri um dia desses. Tive um derrame, quase morri. Eu estou dando exemplo, eu quero que aquela que aprendeu vá entrando no lugar daquelas que estão cansando. Já estamos vendo que temos duas meninas lutando firme: uma é Berenice e a outra é a Lucy. Uma de 22 anos e outra de 18 anos. Lucy agora fica em Manaus e em Brasília. Então, estou sentindo que elas estão adiantando o trabalho e vão poder assumir nossos lugares, quando tiver eleição na Associação. Por causa disso eu preparei elas.

Eu acho que o trabalho da mulherada daqui e de outras aldeias está melhor a cada dia. Eu percebi uma mudança nas coisas que estão acontecendo às mulheres. Elas estão pondo ordem e os homens estão correspondendo aos trabalhos das mulheres. Estão respeitando bastante. O que mulher falar ali, homem já fica quieto. Porque quando eles estão à frente vamos respeitar o trabalho deles, né?

Na aldeia já senti que isso está acontecendo e, a cada dia, está melhorando mais. Primeiro, aqui era ruim, faltava muita coisa, os homens não reagiam, chefe corria. Então, nós começamos a trabalhar do lado deles e agora está bom.

Religião

Temos uma igreja evangélica e uma igreja católica. Não tem uma casa de reza do Umutina. Nossa religião é assim, chega no dia da festa, reza. A gente se ajunta aqui na casa Associação. Aqui é para tudo: reza, cultura. Quando chega na festa mesmo, a gente pinta a criançada, aí é a casa da Associação que recebe todo mundo.

Apoio do companheiro

Quando eu entrei para cacique, ele ficou triste, porque eu ia ficar assim na boca de um e na boca de outro e ele não queria isto. Ele falou assim:

- Você não ganha nada, tudo que você for fazer aqui na aldeia, para eles não vai ser bem feito. Porque todo cacique



"...Eu estou dando exemplo, eu quero que aquela que aprendeu vá entrando no lugar daquelas que estão cansando."





“Às vezes tem algum recado para dar numa aldeia e eu não posso ir, ele vai lá e dá o recado pra mim. Ele trabalha comigo e nunca impediu nada. Ele dá muita força ao meu trabalho.”

passou por isso. E eu não queria isso pra você, mas já que você entrou, já que é para você ficar, quem sou eu para impedir?

Ele me ajuda bastante, durante os anos que passei no cargo de cacique ele sempre ficou do meu lado. Toda vida, todo tempo. Ele está sempre me ajudando. Nas minhas viagens mesmo, eu tenho que ir para Brasília, Manaus, ele ficou aqui. Sempre diz que não vai brigar comigo porque sempre vou estar precisando dele e ele estará ao meu lado. Então, eu sou muito agradecida a ele, que me dá esta força até hoje. Nunca impediu minha viagem, meu trabalho. Minha saída da aldeia não é só dois, três dias, mas ele nunca brigou comigo por causa disso. Se tem um trabalho que eu não posso fazer, ele faz no meu lugar. Às vezes tem algum recado para dar na aldeia e eu não posso ir, ele vai lá e dá o recado pra mim. Ele trabalha comigo e nunca impediu nada. Ele dá muita força ao meu trabalho.

Apoio das lideranças da aldeia

Eu tenho muito apoio das mulheres, muito apoio delas. Elas nunca reclamaram. Então, sempre para alguma decisão elas procuram a gente na Associação. Eles também são bem democráticos.

Em relação às outras lideranças, eu não tenho reclamação deles não. Eles são meus parentes, são meus primos, meu pai é o Umutina daqui, seu Joaquim. Somos parentes daqui. Eu casei com um Paresi. Agora, aqui são oito etnias entre Umutina, Nambikuara, Terena, Bakairi, Bororo.... Agora está vindo mais gente porque aqui é aldeia modelo. A aldeia que mais recebe gente diferenciada é aqui.

Então, muita gente pergunta:

- Como você trabalha com povo diferenciado, cada povo fala cada língua. Eu digo:

- Eu falo outras línguas. Falo a da minha família, Bororó, Umutina. Entendo um pouco do Paresi também. Para eu trabalhar aqui, ser social com eles, não tem problema. Fácil não é, porque quando tem um mal entendido você tem que ir lá conversar, dar conselho, e aí um começa ficar de bem com outro. Mas se você trabalha legal com eles, dão força para

gente. Isso é que eu acho interessante. Dos Nambikuara e dos Paresi, recebemos muita ajuda.

Tradição

Aqui nós perdemos a linguagem, não se fala mais a língua. A cultura mesmo, até hoje ainda se faz. Não esqueceram. Agora estão aprendendo mais sobre a nossa cultura, porque estão na faculdade (Curso Superior de Licenciatura Indígena da Universidade do Estado do Mato Grosso-UNEMAT). Por causa disso, trouxemos a escola para cá, para passar esse trabalho. Eu acho que os mais velhos têm que juntar com eles.

Eu não esqueci a língua da minha mãe, porque eu procurei um tio velho e fui gravando. Ele foi falando, falando e eu gravei tudo que meu tio foi falando. Eu sabia que ele estava morrendo e eu fui gravando. Foi dessa fita que fui aprendendo e divulgando.

Hoje, na faculdade, se você não fizer um trabalho em Umutina, você não passa no teste. O teste você tem que falar a língua do Umutina, linguagem do Umutina. A faculdade é lá na Barra, tem uma faculdade Indígena, um 3º grau indígena. Para ir para lá tem que falar Umutina, entender a história Umutina. Os indígenas que não aprendem têm que procurar o mais velho para aprender falar Umutina e ser classificado.

Mensagem

Eu sempre procuro os homens para eles dizerem alguma coisa para a gente, porque sem eles não somos ninguém. Quem levanta cacique é a comunidade. Mesma coisa com o chefe do posto. Quem levanta ele somos nós. Digo para mulheres darem força para o homem, para ele criar coragem de lutar, junto com a gente. Igual como nós estamos lutando por eles. Porque eu estou à frente, a Associação que está na frente, o conselho está na frente. Nós não pode largar tudo. Tem que ir em frente. Tem que ir com mais pessoas.

“Eu não esqueci a língua da minha mãe, porque eu procurei um tio velho e fui gravando.

...Foi dessa fita que fui aprendendo e divulgando.”





Evanisa Mariano da Silva

Evanisa Mariano da Silva, 50 anos, é guerreira Terena, nasceu na aldeia Nimuendajú, em São Paulo, e foi criada na aldeia Ipegue, no Mato Grosso do Sul.

Estudou até o primário, fez curso de enfermagem por seis meses e trabalhou como doméstica no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Hoje mora em Campo Grande (MS), é presidente da Associação das Mulheres Indígenas Urbanas – AMINTU, e conselheira indígena no Conselho Estadual do Direito da Mulher, em Campo Grande (MS).

Em abril de 2004, em Lima, no Peru, foi delegada brasileira no IV Encontro Continental de Mulheres Indígenas.

“A época foi boa, mas a gente não tinha muita visão de luta como temos hoje.”



Infância

Como todas as crianças, a lembrança que eu tenho é de uma infância com muita luta de nossos pais. Nasci em 22 de setembro de 1955, em Avai-SP. Sou filha de Joana Alfredo e Candido Mariano, indígenas da etnia Terena. Passei minha infância na aldeia Nimundajú (SP) e, posteriormente, na aldeia Ipegue (MS), onde cursei o primário. Morei na aldeia até os 11 anos, depois fui trabalhar como empregada doméstica, babá.

Casamento

Em 1978, casei com o indígena Roberto da Silva, militar do Exército, e fui morar na cidade de Aracajú (SE), onde nasceram meus filhos. No ano de 1981, mudamos para Recife (PE), permanecendo até dezembro de 1986. No ano seguinte fomos para o Rio de Janeiro, e lá meu esposo encerrou sua carreira militar. A época foi boa, mas a gente não tinha muita visão de luta como temos hoje.

Estou casada há 27 anos e tenho o maior apoio do meu marido. Não tenho o que falar dele. Ele tem um coração de ouro. O que eu fiz até agora foi com o apoio dele, graças a Deus, em todos os sentidos: se tenho que viajar, em tudo. Ele sempre apoiou o movimento das mulheres indígenas.

Em 1998, retornamos para Campo Grande (MS), onde encontramos um grande número de indígenas fazendo parte da população urbana e vivendo com todos os problemas relativos às grandes metrópoles. Diante desse quadro, nos engajamos nos trabalhos voltados para a assistência social, principalmente naqueles dirigidos à saúde.

Associação

Surgiu, então, a idéia de fundar uma associação para minimizar os problemas existentes com as mulheres indígenas. Em Janeiro de 2000 foi fundada a Associação de Mulheres Indígenas Urbanas - AMINTU. Foi na Amintu, como presidente, que comecei realmente a militar na política em favor das questões indígenas. Realizamos seminários, encontros e conferência nacional e internacional. Fui indicada pelo Conselho Nacional das mulheres Indígenas – CONAMI, para delegada brasileira no IV Encontro Continental das Mulheres Indígenas das América, realizado em Lima – Peru, no período de 04 a 07 de Abril de 2004. Foi importante participar do intercâmbio entre os movimentos de mulheres das Américas. Desde agosto de 2000 estou no Conselho Estadual do Direito da Mulher, sediado em Campo Grande – MS, onde trabalhamos para a defesa dos direitos das mulheres que são vítimas de todas as formas de violência.

Dificuldades

No movimento das mulheres na Associação, o mais difícil é reunir. São muitas aldeias, temos que viajar muito para conversar com todas. Elas não têm folga para estarem assistindo as reuniões comigo, participando da luta por mais conquistas. Mas elas têm uma vontade grande de participar. Nós também não temos uma boa estrutura para facilitar o deslocamento delas

“Surgiu, então, a idéia de fundar uma associação para minimizar os problemas existentes com as mulheres indígenas...a Associação de Mulheres Indígenas Urbana - AMINTU.”



da aldeia para os encontros.

No momento, contamos com 42 mulheres daqui da aldeia urbana, mas sempre que possível vêm outras de aldeias mais distantes. Creio que a luta está se fortalecendo bastante. Principalmente no trabalho artesanal, que abre uma possibilidade de melhorar a vida das mulheres. Não temos muito como escoar a produção. Ainda temos dificuldade para comercializar os produtos.

Mulher indígena



“A disposição da nova safra de geração indígena, para dar continuidade a esse processo histórico e melhor esclarecer o valor real da mulher indígena.”

A imagem distorcida de que as mulheres indígenas foram e são objeto viciou a ótica da sociedade envolvente e até mesmo dos antropólogos, no sentido de resgatar o valor desse grande contingente de mulheres que permaneceu invisível por tanto tempo. Aí vem a grande pergunta: por que que as vozes das mulheres indígenas nunca foram ouvidas?

Na demonstração da trajetória de resistência, através do redimensionamento do papel das mulheres indígenas em movimento articulado pelos índios, em defesa de seus direitos à terra e ao respeito às suas diferentes culturas, foram criadas algumas associações de mulheres indígenas cuja atuação precisa ser reconhecida. O longo caminho a ser percorrido e a necessidade de reescrever a história do Brasil de forma mais equilibrada, levando em conta que a sociedade indígena possa ser vista como ela é, e não como muitos imaginam, é muito importante. Há, portanto, a disposição da nova safra de geração indígena, para dar continuidade a esse processo histórico e melhor esclarecer o valor real da mulher indígena.

Mensagem

O que tenho a dizer para as nossas parentes é que somos competentes, somos do lar e sei que temos que nos multiplicar para participar do nosso movimento. A nossa luta é grande. É a esperança das gerações futuras. Temos que ensinar a continuidade do nosso trabalho para novas gerações.

Ivete da Cruz

Guerreira do povo Wapixana, da comunidade de Pium, localizada no município de Bonfim, estado de Roraima, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Ivete é membro da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima-OMIR.

De postura ativa e espírito aguçado, define-se como mulher indígena lutadora, sofredora e corajosa. Ainda menina, com 11 anos, um ano após perder sua mãe, Ivete começou a pensar em sair da dependência de seu pai. Foi trabalhar em casa de família e teve que parar de estudar.

Depois de casar, voltou a trabalhar na roça e começou a se interessar pela vida de sua comunidade.

Ao participar das reuniões, percebeu que as mulheres precisavam se unir e começou a sua militância no movimento das mulheres indígenas, onde atua até hoje.



Trajectoria

Como eu não tinha mãe, comecei a pensar em ter a independência do meu pai com 11 anos, por causa da dificuldade que a gente tinha. Nós trabalhávamos, com produtos da roça e lá não tinha onde vender. Aí eu pensei em trabalhar em casa de família, com a intenção de respeito, porque assim os outros iriam me respeitar como mulher. Eu achava que era eu que tinha de me cuidar, me valorizar. Isso foi aos 11 anos. Parei de estudar para manter minha vida. Trabalhei em casa de família e assim foi minha luta.

Depois de casar, eu me preocupei mais ainda, sem emprego, sempre a gente trabalha na roça. Aí eu pensei em continuar o meu estudo e comecei a me interessar pela vida comunitária, como trabalhar para melhorar a vida do povo. Chegou um tempo em que eu comecei a participar das reuniões. Eu vi que as mulheres precisam de ajuda.

“Como eu não tinha mãe, comecei a pensar em ter a independência do meu pai com 11 anos, por causa da dificuldade que a gente tinha.”



Apoio do homem

Eu não tive muito apoio do meu companheiro nem de todos os meus filhos. Eu vi que saindo de casa eu ia ter mais conhecimento. Era por onde eu ia conhecer mais o meu direito e, também, com certeza, encontrei mais força.

Hoje, o meu companheiro está me dando muita força, que ele nunca me deu. Nunca me deu valor, hoje ele está me valorizando. Hoje eu deixo ele em casa para viajar, saio da aldeia vou pra cidade. Eu chamo ele pra ficar com a minha filha caçula, de doze anos, e ele vem de coração.

Os caciques, as lideranças das nossas aldeias também acreditam nos nossos encontros. Eu participo de qualquer evento, de conferências, assembléias. Depois repasso para a comunidade.



“O que mais nos preocupou foi a invasão de fazendeiros, de garimpeiros, de lavradores em nossa terra.”

Luta das Mulheres Indígenas em Roraima

Nossa luta de mulheres indígenas de Roraima nasceu da necessidade. A invasão de nossas terras e a violência contra a mulher, levou as mulheres a se organizarem. Desde o ano de 1970, nós já estávamos organizadas. Eram mulheres ouvintes, não tinham voz, mas sempre com a preocupação com o futuro dos nossos jovens.

O que mais nos preocupou foi a invasão de fazendeiros, de garimpeiros, de lavradores em nossa terra. A bebida alcoólica que traziam para a nossa comunidade é que deu origem ao desrespeito. Nossos jovens não respeitavam as mulheres. Era muita a exploração dos indígenas, em troca de cachaça, de pequena criação. Assim, foi aumentando a violência contra as mulheres pelos próprios maridos. A bebida foi um problema que afetou as mulheres. Foi muito triste. A violência dos militares também. Perdemos muito parentes, mas sempre a gente tinha essa vontade de lutar e vencer para tomar nossas terras, e pra se organizar.

Nós começamos com um projeto de corte e costura. Começamos a se organizar, pra ter voz, direito dentro das reuniões, assembléias, e esse projeto foi muito bom. A gente aprendeu a costura e o projeto trouxe a organização das mulheres.

Organização das Mulheres Indígenas de Roraima - OMIR

Em 1990 foi criada a Organização das Mulheres Indígenas - OMIR, onde a gente conseguiu fazer um trabalho melhor, com articulação das mulheres. A gente tem, no funcionamento da organização, a coordenação estadual e as coordenações regionais. Temos a coordenação do pólo base e representante comunitária. É onde a gente está lutando bastante contra o alcoolismo.

Temos um grande compromisso com as mulheres de lutar pela igualdade, pelo direito à liberdade e resistência, contra a violência à mulher. Isso é uma prevenção para os nossos jovens, para eles valorizarem a nossa cultura, os trabalhos indígenas das mulheres, tecidos, colares, cerâmicas.

Nós mulheres temos força mental, não a força física como os homens. Tivemos uma grande conquista com as mulheres indígenas de Roraima.

Dificuldades do movimento indígena ontem e hoje

No início, enfrentei violência contra o meu marido. A discriminação dos não-indígenas, que diziam que índio não tem valor, que índio não precisa de terra. Nós sempre defendemos que a terra é importante para o futuro de nossos jovens. Hoje, depois da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, a dificuldade maior que nós temos é a falta de apoio para os nossos projetos, para levar a frente o nosso trabalho, nossa articulação, o artesanato, as oficinas capacitação nas áreas de saúde, informação e formação de lideranças.

Movimento das mulheres indígenas

Hoje, a gente tem mulheres feministas que falam mesmo em seus direitos, se valorizando como mulher, porque, se a gente não se valoriza, quem vai nos valorizar? Hoje, a gente vê

“Temos um grande compromisso com as mulheres de lutar pela igualdade, pelo direito à liberdade e resistência, contra a violência à mulher.”



“É importante que a mulher indígena busque ter seu próprio conhecimento sobre venda de produtos da roça, de artesanato, ter um estudo...”



mulheres de lutam mesmo. Essa luta a gente vai levar em frente, para passar para as nossas jovens não saírem da aldeia e ir pra cidade levar uma vida na prostituição. Isso é o que a gente não quer. Não só as jovens, mas também mulheres de casa, com filhos.

As mulheres indígenas estão lutando pelos seus direitos, não direitos de toda igualdade, porque tem direito que podemos assumir, mas também tem direito que não faz parte da mulher. As mulheres estão lutando para ter mais conhecimento na área da educação, na saúde, lutando pela sua autonomia.

É importante que a mulher indígena busque ter conhecimento, ter seu próprio conhecimento sobre venda de produtos da roça, de artesanato, ter um estudo, pelo menos até o primeiro grau. Ainda há muitas mulheres indígenas que precisam estudar. Os homens tem que entender que as mulheres precisam de estudo.

Para nós, mulheres indígenas, a mudança se deu em relação às crianças, pois, com os filhos, somos levadas a ter a consciência da grande responsabilidade da vida e do futuro. Mudou também na aldeia, hoje, as mulheres não apanham mais caladas, denunciam para as lideranças da comunidade. Eu vejo mudança. Hoje, a gente se sente mais livre, em cada região tem um regimento para proteger e guiar o rumo do movimento e da relação com o não-indio.

Luta dos povos indígenas

O movimento indígena avançou. Temos mais união. Porque quem tem a união, tem a força. Se você não é unido, não alcança nada. Então os povos indígenas têm uma união, paz, e sabem resolver os seus problemas na calma. Por isso, nós alcançamos vitórias na luta pela terra, por exemplo a Raposa Serra do Sol, que há mais de trinta anos estávamos lutando. Então, a luta dos povos indígenas não tem fim, a gente continua lutando, conseguindo nossa terra.

Mensagem

A mensagem que eu deixo é para as mulheres não desistirem da luta.

Quitéria Maria de Jesus

Guerreira do povo indígena Pankararu, da aldeia Brejo dos Padres, em Pernambuco, dona Quitéria, 66 anos, é uma pessoa querida pelo seu povo. Em Brasília, é conhecida por estar sempre lutando, junto aos órgãos governamentais, para exigir o respeito aos direitos indígenas. Dedicou-se ao combate à discriminação racial nos municípios e estados brasileiros. Em sua aldeia, desde jovem gostou de ensinar as tradições indígenas para os mais novos.

Líder nata, dona Quitéria, conhecedora de ervas medicinais, é parteira e responsável pelo nascimento de 220 crianças. Não sabe ler nem escreveu, mas, buscando ajuda da comunidade e de diversas instituições, conseguiu construir uma creche, que oferece alimentação e educação para crianças até sete anos.

Aceita como liderança pelo cacique e pajé de sua aldeia, junto com seu povo também construiu um galpão para a produção e ensino de artesanato tradicional dos Pankararu, uma maternidade, uma escola e uma farmácia.



“Eu comecei a ser chefe de terreiro com sete anos de idade. Fui crescendo chefe, porque nós temos isso na nossa cultura.”

Infância

Comecei a ser chefe de terreiro com sete anos de idade. Fui crescendo chefe, porque nós temos isso na nossa cultura. Aprendi com o meu avô e com o meu pai. Eles ensinavam a dança, a música da tradição Pankararu. Fiquei adulta e, quando tinha alguma reunião, eles me convidavam. Enquanto se reuniam eu ficava ensinando a cultura Pankararu para as crianças.

Dedicação

Aí eu construí primeiro uma cabana de palha e juntava toda aquela meninada, todos os dias. Quando eu fui a Recife,





"Tive um derrame de tanta preocupação, porque o prefeito ficou segurando o recurso da creche e a gente sem ter como atender as crianças."

me encontrei com uma doutora da LBA (antiga Legião Brasileira de Assistência) e ela se interessou em ajudar a construir uma creche dentro da aldeia. Juntei os pais dos meninos e começamos a construir. A LBA foi me ajudando. Eles iam na aldeia pra ver o meu trabalho. Depois o Ministério da Ação Social continuou me ajudando. Assim, fui buscando a educação dos meninos e, depois dos sete anos, eles mudavam de escola.

Eu ensinava a cultura indígena e outros ensinavam as matérias da escola normal. As crianças chegavam de manhã cedo e saíam à tarde. Lá tem almoço, tem café, e antes de eles irem embora tinha janta. Entrou um prefeito que começou a ajudar, e veio em Brasília, solicitou que o recurso fosse passado para a prefeitura, e deixou de nos repassar.

Minha infância foi ensinando às crianças. Hoje, têm muitos lá que não sabe o que é um Toré, não sabe nada não, porque o negócio é estudar fora, na cidade. Quando voltam para a aldeia, não sabem mais nada. Aí tem que ensinar.

Doença

Tive um derrame de tanta preocupação, porque o prefeito ficou segurando o recurso da creche e a gente sem ter como atender as crianças. Foi quando me deu essa doença. Há cinco anos tive derrame e fiquei parálitica, sem falar. Meus filhos pagaram tratamento particular, porque a Funasa não dava nada. Nem carro para o transporte até o médico, nem remédio. Só dizia que não tinha condição, só eu vindo para Brasília.

Tratei fora e com a medicina tradicional na aldeia. Lá tem um rapaz, que eu chamo de médico do mato, que tem os conhecimentos medicinais passados pelo pai, que sabia de toda qualidade de remédio. Esse rapaz fez um remédio e eu voltei a falar, depois de quatro meses. Quando eu tomei, fiquei numa agonia e chamei por ele. Uns choravam de alegria, e eu voltei a falar. Ele sempre ajuda as pessoas lá na aldeia. Ele também é índio, ele passa o Maracá e, se for coisa de ir para o médico, ele avisa. Senão ele mesmo resolve. Também voltei porque ele me dava remédio, foram os remédios dele.

Liderança

Minha liderança foi desde muito cedo, então sempre fui aceita por todos. Depois de adulta, reuni o povo para começar a conversar sobre o que fazer dentro da comunidade. Fiz um lugar bom de artesanato, para a comunidade. Nós batemos tijolo, fizemos uma casa, cobrimos. Aí comecei a ensinar o artesanato.

Construí a casa para o artesanato, uma creche, um galpão de reunião, onde já juntamos as lideranças das aldeias de Pernambuco, fiz uma maternidade na aldeia. No agreste, eu fiz uma escola, a troco de um Toré, que dançamos para um japonês. Antes, não tinha escola, os meninos estudavam embaixo de um cajueiro, no espinheiro. Construí também uma farmácia. Não pra mim, mas para o meu povo. O cacique é mais velho que eu, tem uns 80 anos, ele não fez nenhuma benfeitoria na aldeia, nem ele nem o pajé. É isso o que eu faço, que eu trabalho.

Atualmente, estou correndo atrás do que o prefeito que ajudamos a eleger prometeu, na época da campanha. Se reunimos, votamos, e ele ganhou, vou buscar a ajuda para a creche. Ele disse que vai ampliar a creche.

Eu também consegui demarcar nossa terra. Eu ia para os lugares com o pajé, atrás da demarcação da terra. O Lula me prometeu todos esses negócios de Fome Zero, mas hoje não tem isso lá. Tenho medo de ter outro derrame.

Dificuldades

Foi não saber ler nem escrever. Eu entrava em contato com esse povo, eles me perguntavam se eu sabia ler e escrever, eu dizia que não. Só um menino que me ensinou a fazer meu nome. Ele pegava na minha mão e fazia meu nome. Quando eu adoeci, esqueci. Agora, estou começando a fazer de novo.

Estamos muito sem nada. Viemos aqui em Brasília porque ele prometeu saúde, educação. Ninguém tem.

Na maternidade fora da aldeia vai médico de fora, de vez em quando. A maternidade da aldeia está fechada. Eu estou buscando para ver como vai ficar.

“Eu também consegui demarcar nossa terra. Eu ia para os lugares com o pajé, atrás da demarcação da terra.”



Casamento

Quando eu me casei, já era da liderança. Ele já me conheceu na liderança e sempre me apoiava. Meus filhos também me apoiam. Tenho sete filhos. Agora são 48 netos e 14 bisnetos.



“Eu me orgulho de ter feito o posto de saúde e a creche, a luta pela cultura para ela não acabar.”

Luta das mulheres indígenas

A visão é de melhorar o próprio lugar. Em Brasília, eu estava vendendo rede e conheci um grupo de mulheres. A gente se reuniu para fazer um encontro das mulheres indígenas, quando fundamos o CONAMI.

Eu tenho 66 anos, quero que a gente trabalhe em conjunto, mas fazendo as coisas na aldeia. Eu me orgulho de ter feito o posto de saúde e a creche, a luta pela cultura para ela não acabar. Lá na aldeia, temos pessoas muito carentes.

Organização indígena

Estou no Conselho Nacional de Mulheres Indígenas. As mulheres que batalhavam eram a Carmem, a Zila. Eu sou uma das fundadoras.

Movimento indígena

No momento estamos precisando nos unir mais, para nos fortalecermos e lutarmos pelos nossos direitos. Temos boas lembranças da época da atuação do nosso líder e único deputado federal indígena Mario Juruna. Temos que preparar mulheres para serem parlamentares.

Jupira Manoel Sobrinho

Jupira tem 45 anos, é guerreira Terena da aldeia Kopenôti, em Avaí, São Paulo. Filha de cacique, sempre acompanhou o trabalho de seu pai na comunidade, participando ativamente da luta pelos direitos indígenas, desde a sua infância.

Luta para fortalecer o movimento das mulheres indígenas em todo o país e acredita que o estudo colabora para o avanço desse movimento.

Pretende se candidatar a prefeita da cidade de Avaí nas próximas eleições, de 2008. Atua na Associação das Mulheres Indígenas do Centro Oeste Paulista - AMICOP.



"Minha infância aqui foi muito gostosa, principalmente na época que não tinha energia, só lamparina. A gente era muito unido."

Infância e o começo da luta no movimento indígena

Iniciei a minha luta ainda na infância. Meus pais começaram essa marcha indígena. Meu pai foi o primeiro cacique que trouxe projetos aqui pra dentro da aldeia. Eu nasci em Araçatuba, sou araçatubense. Minha infância aqui foi muito gostosa, principalmente na época que não tinha energia, só lamparina. A gente era muito unido. Foi assim que comecei, vendo a luta do meu pai. Aprendi com ele que tenho que defender nossa raça e carrego isso no sangue: defender os povos indígenas. Carreguei a bagagem dessa luta. Agora, meus pais estão afastados da luta, mas eu e meu irmão, no Mato Grosso do Sul, carregamos essa bandeira até hoje.

Dificuldade

A dificuldade foi aqui dentro da aldeia mesmo, porque quando vim para cá eu já não morava mais com o pai das



minhas crianças, e mulher sozinha dentro da aldeia é muito discriminada. Os homens me viram como descartável, e eu não era assim. Sempre fiquei quieta no meu canto, sempre mantive o respeito com minhas crianças.

O meu companheiro hoje me entende, me compreende. Quando eu tenho que seguir pela cabeça dele, eu sigo. Ele me apóia e fala: “mas você é danada, né Jupira”.

Era difícil desenvolver um projeto dentro da aldeia, porque os homens sempre aparecem como adversários, para criticar, para provocar desconfianças. Mas não é sempre assim. Hoje, pelo contrário, acho que eles viram que o nosso trabalho é uma coisa séria e que nós mulheres somos pela causa indígena, e já encontramos maior apoio dos homens.



“...eles viram que o nosso trabalho é uma coisa séria e que nós mulheres somos pela causa indígena, e já encontramos maior apoio dos homens”.

Movimento das mulheres indígenas

O movimento das mulheres indígenas não é um movimento feminista, porque quando se fala “feminista”, entendo que são mulheres autoritárias. Quando se fala em feminino, entendo que são mulheres que estão querendo conquistar seus direitos na realidade. Na realidade, nossa conquista está mais além do que o movimento feminista pretende.

Essa questão de querer mostrar a capacidade, enquanto mulheres provedoras dos nossos filhos até os nove meses, quando os carregamos em nossas barrigas, enquanto lutadoras e batalhadoras que somos, trouxe muita mudança e conquista com mais seriedade. Não há uma disputa com os homens, com os direitos dos homens, mas nossa luta é para simplesmente fortalecer o que muitos homens ainda não têm em mente. Muitos homens estão ligados à violência, enquanto a mulher já tem mais consciência, tem senso e a personalidade de paz.

Aqui em São Paulo, eu fiz o I e II Seminário das Mulheres Indígenas Paulistas. O I Seminário Nacional das Mulheres Indígenas, em 1991, só que fiz com muita dificuldade. Eu não sabia como procurar os parceiros para desenvolver os projetos. Então, em tudo que a gente é marinheiro de primeira viagem, a gente extrapola em algumas coisas. Eu extrapolei, tive falha, como em todo encontro que é pela primeira vez, houve falhas.

Já no II Seminário, eu estava bem mais madura, já sabia fazer a programação. Mas, até então, eu não sabia que um Seminário Nacional tinha que ter uma programação.

No II Seminário regional, eu já fui sabendo os procedimentos. A programação foi a primeira coisa que eu pensei, na metodologia do nosso trabalho. O II Seminário foi num embalo total, porque eu já sabia contatar as mulheres e falar sobre a importância da participação delas. Há muitas mulheres indígenas, vamos dizer assim, que ainda estão muito cruas sobre os seus direitos.

Agora, o movimento está muito parado. Mas, em 2003, 2004 estávamos com embalo total, com muita união e respeito. Os caciques sempre me deram apoio e me respeitaram. Não vou dizer que não tive altos e baixos. O cacique anterior e chefe de posto deu muito apoio ao nosso trabalho. Quando eu ia firmar os convênios, sempre fiz questão de levá-los comigo, para presenciarem as assinaturas e saberem quanto eu ia receber de recurso. Algumas prestações de contas ainda estão pendentes, mas logo serão encaminhadas para que todos tenham conhecimento do nosso trabalho.

Fortalecimento das mulheres

Agora elas estão mais fortalecidas. No momento em que elas participam mais, vêem que têm seus direitos em lei, então aí elas começam a se soltar, aos poucos. “Puxa! Eu não sabia que eu tinha isso, eu não sabia que eu podia dar queixa na delegacia se o meu marido me espanca, eu não sabia que eu tinha que abrir a boca na hora, quando entrasse no mercado e fosse discriminada”, é assim que elas despertam.

Então, o I Seminário que eu coordenei abriu muito a mente das mulheres. Inclusive de alguns jovens que conquistaram vagas na universidade. Isso daí foi um tabu que conseguimos quebrar e fazer com que os jovens estudantes determinassem o que eles queriam ser. Porque não é só enfermeira e médico que o índio tem obrigação de ser. Eles podem ser dentista, advogado, jornalista, administrador de empresa, pode ser até diplomata no exterior. Então, ajudou.

No II Seminário, onde a participação foi muito boa, eu

*“...em tudo que a gente é
marinheiro de primeira viagem,
a gente extrapola em
algumas coisas.”*





“Eu tenho minhas lutas, sou índia, sou mulher, mas não uso minha imagem de índia para proveito próprio de forma nenhuma.”

descobri que as mulheres são muito inteligentes, principalmente as índias Guarani. As Terena são muito políticas, as Guarani são bem mais sensatas, calmas, e, quando elas falam, elas falam dentro da verdade, na maior simplicidade. Já as Terena falam baseadas na lei. Achei muito importante a participação das Guarani. Temos muita afinidade também. E as Guarani, quando vão a um encontro, carregam os filhos na cintura, senão para elas não funciona estar participando. Enquanto as Terena, estão hoje mais racionais e cientes de que, numa reunião, a criança não pode ir, senão atrapalha.

Os seminários foram, com certeza, muito positivos. Até a mídia começou a olhar as mulheres indígenas com mais respeito. Tem um município aqui perto da nossa aldeia, Avaí, onde as pessoas, inclusive o prefeito, se referem às mulheres indígenas com palavras vulgares. Para isso, há lei, pode dar cadeia. Existe um código penal para isso. Então, eu estudo a lei, vejo onde está o código de injúria, calúnia, difamação, assédio moral, direitos morais. Eu procuro na apostila da Convenção 169, Estatuto do Índio e, principalmente, na Constituição de 1988. Eu vou bem armada mesmo, pra falar com eles, porque eu pego eles de um jeito que dá impressão que eu sou uma advogada mestrada.

Luta e a discriminação masculina

Eu tenho minhas lutas, sou índia, sou mulher, mas não uso minha imagem de índia para proveito próprio de forma nenhuma. Ultimamente, eu estou decepcionada. Estamos no ano 2005, a gente ainda encontra muitas barreiras, muitas. Por mais que a gente tente se unir com os homens, eles ainda acham que não estamos preparadas. Tem homem que acha que a gente vai nos encontros para namorar, para beber. Até meu marido, quando eu viajo, ele fica com a orelha maior do que a casa. Será que ela está viajando? Será que ela tem alguém? Homem pensa assim.

Mas nós estamos preparadas, até mais do que eles. Um dia, o movimento da mulher indígena crescerá e terá mais mulheres sérias mesmo, mulher que está dentro de sua aldeia, que sofre o dia-a-dia. que vai para roça. Eu já fui na roça como

elas, eu já fui plantar, eu já fui colher e eu sei do sol na cabeça da gente. Então, o dia que o movimento indígena levar a sério a nossa causa, nós vamos vencer.

Tem a tal da união, que é muito importante em qualquer situação. Até as formiguinhas são unidas, porque a gente não conhece se formiga tem memória, tem miolo, mas as formiguinhas são unidas.

Por que nós, índios, tanto mulher como homem, não nos unimos? Eu tenho muita esperança que os homens e as mulheres vão se unir. Quando chegar esse dia, a causa indígena vai ser respeitada. Este é meu maior sonho, unir os homens e mulheres indígenas, sem desconfiança.

Mulheres da aldeia

A princípio, a reação das mulheres da aldeia foi de pensar que quando a gente começou a desenvolver os projetos, que era pegar o dinheiro e entregar nas mãos delas. Elas não entendiam que era uma causa coletiva. Eu tive que fazer uma boa justificativa. E foi difícil, no começo, explicar que o projeto tem começo, meio e fim e é um trabalho. Por mais que elas sejam unidas, sempre tem uma que olha com desconfiança. Eu sei quando a pessoa está sendo sincera comigo e o que está passando dentro da sua cabeça. Em todo trabalho existe a desconfiança.

Ao mesmo tempo que temos apoio dos homens nos projetos das mulheres, temos uma intervenção, com uma dose de inveja, porque conseguimos até mesmo as cestas básicas, as comidas das mulheres. Com as nossas conquistas, os homens achavam que o dinheiro estava correndo e falaram que estávamos passando por cima do poder deles.

As mulheres indígenas têm uma relação conturbada e ao mesmo tempo de muita confiança. Em nossa roça do projeto agrícola, financiado pela embaixada da Nova Zelândia, tivemos momentos bons e ruins, mas colhemos quase 50 sacas de feijão, distribuídas entre as mulheres que participaram do projeto. Tenho um bom relacionamento com as mulheres e com a comunidade. As pessoas na aldeia respeitam a mim e ao meu marido.

“Tem a tal da união, que é muito importante em qualquer situação.”



Outra coisa é que, hoje, tem a educação diferenciada e as mulheres passaram a ter consciência que têm que estudar. Agora temos escola na aldeia. Muitas mulheres estão tirando o segundo grau. A evolução da mulher nos estudos ainda está lenta, mas estamos indo.

Luta do movimento indígena

Hoje está fraca. Muito desacreditada, mas estamos lutando para melhorar. O governo não cumpre o que promete, ninguém respeita a Constituição, os líderes que deveriam estar em evidência não estão. Está fraco e a culpa é nossa.

Temos que ser unidos, cobrar do governo uma política clara, uma política indigenista sincera e com mais transparência. Talvez assim dê certo. Eu quero botar meu cocar. A mulher indígena, quando bota seu cocar, ela bota para fazer valer. Quero entrar na política, vou me candidatar em 2008 a prefeita do meu município, Avai/SP. Isso porque o atual prefeito discrimina muito as mulheres indígenas.



“Tenho um bom relacionamento com as mulheres e com a comunidade. As pessoas na aldeia respeitam a mim e ao meu marido.”

Associação das Mulheres Indígenas do Centro - Oeste Paulista

Falo com muito orgulho do espaço que nós, mulheres indígenas, conquistamos. A Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista foi fundada no dia 29 de novembro de 1995. Nosso objetivo é atender a necessidade do povo indígena. Primeiramente, fortalecer e buscar apoio para os índios urbanos. Quando fundei a associação, os dirigentes da Funai me isolaram. Meus parentes também achavam que eu queria aparecer. Sofri críticas e discriminação por parte das comunidades indígenas, até que consegui fazer minha inscrição junto à ONU, para participar da Carta da Declaração dos Direitos Humanos, em 1998.

Houve perseguição mesmo. Quando fui para Europa me perguntaram como eu ia fazer para me comunicar em inglês e espanhol. Mas eu tive muita fé na minha personalidade, no meu ideal. Registrei nossa Associação na ONU e a minha participação foi muito boa. Não tive obstáculo nenhum, pois tive até intérprete. Eu fui a primeira índia do estado de São Paulo a atravessar as fronteiras.

A Associação conseguiu buscar projetos específicos para as mulheres. Depois desses projetos, tudo melhorou. Antes, elas eram bóia- fria e agora não são mais, trabalhavam em fazendas vizinhas para ganhar R\$ 5,00. As mulheres não precisam mais sair para fora da aldeia buscar trabalho. Quando as mulheres vão para fora é quando ainda não está na época da safra e não tem nada para fazer aqui.

Depois do projeto desenvolvido aqui com as mulheres, a Funai e a Funasa abriram os olhos, a criança está bem assistida na saúde. Eu acho que houve boas melhoras. Agora, os estudantes têm ônibus para ir à escola. Isso tudo porque nós, mulheres, chamamos o prefeito e cobramos as mudanças, ameaçamos, pois sabemos que existem os recursos.

Espírito de luta

A mulher indígena tem que bater sempre na mesma tecla: a da participação. A mulher tem que estar sempre participando, nosso trabalho. Minha mãe sempre pergunta: "Filha, como está seu barquinho?" Eu falo: mãe, está navegando. Ela pergunta de novo e respondo: ele está balançando de um lado para o outro. Então, ela fala para meu marido: Cuida bem da minha filha. Depois ela pergunta de novo, e eu digo: "mãe, estão querendo afundar meu barquinho, e ela responde: "então se agarra em Deus".

Então é Deus que me dá toda essa fortaleza para eu e todas as mulheres realizar o nosso trabalho. Temos que realizar nossos sonhos de preparar o amanhã para os nossos filhos. A mulher indígena é muito sonhadora e a Associação nasceu disso. A Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista existe para fortalecer e crescer. Foi fundada há 10 anos e muitos me conhecem devido à minha luta, principalmente pela mídia de Bauru/SP.

Mensagem

Eu penso em simplificar esta mensagem. Deixo palavras de união, paz, muita confiança em Deus, apesar de cada povo indígena ter sua religião. Tenham coragem e não usem da má fé, da traição, por que isso acaba com o movimento. Ser mulher indígena é fazer um manifesto de luta e de vida.

*"A mulher indígena
é muito sonhadora e a
Associação nasceu disso.
Ser mulher indígena é fazer
um manifesto
de luta e de vida."*





Sonia Sanchez

Sonia Sanchez é guerreira do povo Kaiowá, da aldeia Jaguapirú, no município de Dourados, no Mato Grosso do Sul, estado onde os índios mais sofrem com a perda de seus territórios originais, passam muita fome, estão esquecidos e sentem a ausência de políticas públicas, adequadas à sua atual realidade.

Casada, com quatro filhos, Sonia, como todas as mães Kaiowá, luta com muita dificuldade pela sobrevivência de suas crianças.



"Participo de muitas reuniões que acontecem na aldeia, até como observadora, para aprender cada vez mais."



Infância

Nasci e me criei na aldeia. Antigamente, aqui era muito bom, porque a gente não passava muitas dificuldades. As crianças brincavam todas juntas, subiam em árvores, corriam, participavam dos cantos sagrados. Eu sempre participei na casa de reza. Tinha caça e pesca. Os nossos rios eram limpos. Era só o nosso povo que vivia aqui e todo mundo vivia tranqüilo. Tudo era em paz. Então, eu pensava que existia só esse mundo pequeno do meu povo Kaiowá, que não existia outro. Não tinha violência como hoje. Então, quero dizer que a minha infância foi muito feliz.

Aldeia

Tenho a minha roça que estamos trabalhando, plantando. Essa é da minha família. Participo de muitas reuniões que acontecem na aldeia, até como observadora, para aprender cada vez mais. Hoje, devido à bebida alcoólica, está muito difícil e perigoso para a gente sair à noite, porque tem muita



violência acontecendo na aldeia. Eu sou evangélica, não posso nem sair para a igreja, porque o bêbado atropela mesmo.

A Associação

Eu participo de um grupo de mulheres da minha aldeia, antes eu tinha feito um curso em Cuiabá, para trabalhar com as mulheres indígenas. Isso é novo pra nós e, principalmente, para as mulheres. Então, em 1993, fui fazer um curso, vim e montei uma associação. Conversei e comecei a trabalhar com as mulheres. Com o pouco conhecimento que tenho, oriento as mulheres, sei andar direito e falo para elas o melhor. Estou trabalhando para isso, para melhorar a situação na aldeia.

Meu estudo é pouco, estudei até a segunda série, mas eu sei ler e escrever. Agora estou estudando a noite. Primeiro, eu trabalhava na lavoura. Eu tinha feito um projeto, mandei lá pra Bahia, fiz um projeto com eles. Com esse projeto, fizemos uma lavoura para as mulheres poderem ter o que colher e dar alimento aos seus filhos. Compramos óleo diesel, compramos cavalo.

Eram 29 mulheres. Quando foi no fim do ano, era pra eu ter feito outro projeto, para continuar. Ai entrou no projeto da Funai, então eu entrei com meu grupo. Conseguimos óleo diesel, mas, alguém nos enganou e escondeu, não sabemos muito bem quem foi. Então o meu grupo ficou parado. Estou preocupada com elas, porque ficamos sem trabalhar até agora.

Fizemos reunião e fomos lá na Funai. As mulheres precisavam de roça, para ter algum sustento. Nossa lavoura não pode ficar parada. A gente só está esperando a mudança da Funai, porque assim eu vou começar trabalhar a Associação de novo. As mulheres não podem é ficar paradas. Aqui, nós estamos largados, aguardando os recursos para recomeçar os trabalhos para o combate à desnutrição. Hoje, se acontecer alguma coisa, não temos a quem recorrer. A Funai não tem como atender a gente, pois não tem recursos.

Eu fui falar com a Missão Evangélica Kaiowá. Lá, as mulheres fazem roupa para as crianças, trabalhamos com retalho, tapete. Agora a gente está trabalhando com a missão. Vou tentar mexer de novo com a Associação, para as mulheres não ficarem sem a lavoura. Vou ver quem é que vai me atender, estamos esperando



“Com esse projeto, fizemos uma lavoura para as mulheres poderem ter o que colher e dar alimento aos seus filhos.”



o apoio da Funai para conseguirmos de novo fazer um projeto.

Casamento

Eu me casei com 16 anos, tenho quatro filhos, todos solteiros. Meu marido é bom, ele é Kaiowá e sempre me apóia, nunca foi contra. Às vezes, eu fico chateada com as dificuldades que existem aqui na aldeia, com as mulheres indígenas, com a falta de lavoura e ele me ajuda com palavras, diz pra eu não desanimar.

Tem mulheres que o marido bebe, mas eu também falo pra elas não desistir nunca da nossa luta, pois somos muito fortes.

Trabalho

Eu trabalho na escola, eu estava no serviço emprestada, fora da cidade. Trabalhei quatro anos e fiz um curso de serviço geral. Então, eu passei e agora estou trabalhando na escola, mas meus filhos estudam na cidade. Fazem curso de computador. A escola fica aqui mesmo na aldeia.



“Na época não tinha nada, por isso que tive que abandonar o estudo e ir para o canavial.”

Dificuldades

Eu tive muita dificuldade. Eu não tinha condições de terminar meus estudos naquela época. Os jovens iam muito para o canavial. Na época não tinha nada, por isso que tive que abandonar o estudo e ir para o canavial. Ganhava R\$ 15 reais e não dava para quase nada. Os jovens de quinze anos podiam ter uma ajuda do governo.

Acho que as mulheres sofrem um pouco por causa do marido que bebe. Aqui na minha aldeia tem esse problema. Elas precisam ter alguém que as oriente, para conversar, para discutir os problemas. Acho que isso daria certo.

Aqui na aldeia temos três povos: Kaiowá, Guarani e Terena. Às vezes, há muita confusão, porque a terra é pequena pra todos.

Eu tenho muita dificuldade com os meus patrícios, por causa da bebida alcoólica, eu converso com eles e dizem coisas horríveis. No outro dia, pedem desculpa. Por isso que acontecem

muitas coisas aqui na aldeia. Aqui no Jaguapirú não é tanto, mas do lado dos Bororo tem muita violência.

A falta de terra

Quando participei pela primeira vez do Encontro Nacional de Mulheres Indígenas, em Brasília, em 1995, eu fiz uma denúncia sobre as terras do povo Kaiowá, mas tivemos pouco avanço nesta questão.

A gente quer mais terra, tem muitas crianças. Quando essas crianças crescerem, onde eles vão morar? Aqui na aldeia houve poucas melhorias. Estamos tristes por conta das crianças, que estão sofrendo muito, e da bebida alcoólica também.

Aqui na minha aldeia, as mulheres precisam mais ser orientadas, precisam mais de encontros.

Aqui na minha casa tem uma roça e eu planto feijão, milho, mandioca, mas no resto da aldeia não há nada, não tem espaço para plantação. Por isso, as crianças sofrem de desnutrição. Essa é uma dificuldade para a mulher, que sofre com a fome de seus filhos. A falta de terra é o nosso maior problema.

Mensagem

A minha mensagem é para que as mulheres estudem mais, porque tem mulher que não sabe nem ler. Eu queria que tivesse uma escola pra elas terminarem os estudos. Isso é que eu queria falar. Elas precisam estudar mais, aprender mais e ajudar outras mulheres na aldeia. Outra coisa que fico pensando também é que o governo tem que ouvir as mulheres que moram na aldeia, para trocar a idéia de como combater a desnutrição. Saber se os programas ou projetos são bons para o meu povo Kaiowá, para os Guarani e para os Terena. Porque moramos todos juntos aqui, mas somos diferentes de cultura e a língua. Somos povos diferentes e nós, mulheres indígenas, somos fortes, temos que ficar organizadas e unidas. Esta é a minha mensagem.

“Eu tenho muita dificuldade com os meus patrícios, por causa da bebida alcoólica, eu converso com eles...”





Maria Diva

Vereadora no segundo mandato, pelo município de Santa Helena de Minas (MG), Maria Diva é filha de cacique e pajé, atuou como agente de saúde e conhece muito bem os remédios tradicionais.

Desde criança, ao acompanhar o trabalho de seu pai, revelou a sua vocação de liderança dedicada e comprometida com a questão indígena. Estudou só até a quarta série e pensa em voltar a estudar, logo que haja um tempo.

Em 2001, Maria Diva teve participação ativa na demarcação das terras indígenas de seu povo e conseguiu unir aldeias que estavam separadas por uma fazenda. No mesmo ano, Maria Diva ingressou no movimento das mulheres indígenas.

“Desde pequena eu já era uma liderança na minha aldeia, já ajudava bastante o meu pai a falar, a aconselhar o povo.”



Infância

Estudei só até a quarta série e estou querendo estudar de novo. Meu pai era cacique e pajé. Mas era cacique da aldeia toda. Depois ele morreu. Desde pequena, eu já era uma liderança na minha aldeia, já ajudava bastante o meu pai a falar, a aconselhar o povo. Apesar de muito nova, tinha inteligência. Depois que o meu pai morreu, fiquei representando a comunidade. Também tenho dois irmãos.

Comecei a fazer amizade com o pessoal. Então, eu comecei a falar o português. Antes eu não falava nada, falava pouquinho, para ajudar nas questões do nosso povo. Agora eu converso, eu falo, mas antes a gente falava pouco.

Casamento

Casei com 13 anos e comecei a criar meus filhos com uns 14. Com 20 anos eu já tinha as minhas quatro filhas. Hoje já estão criadas, tenho neto. A aldeia desse meu marido é em Campo Grande (MS), ele é Kaiowá. Falo português há uns 30 a 40 anos. Acostumei a falar

com esse meu marido, que era do Mato Grosso do Sul. Nós casamos muito novos. Ele falava melhor que eu, então eu acostumei a falar com ele. Aí ele foi embora e eu fiquei na luta.

Fiz muito trabalho de artesanato. Ele me deixou com duas filhas, comecei a criar, lutando, trabalhando na roça, pescando, indo no mato buscar lenha de umbaúba para fazer artesanato, vender e manter meus filhos.

Depois, casei com um índio Maxakali, de quem já estou separada há uns 10 anos. Tenho cinco filhas, três filhos homens e uns 10 netos.

Luta pela terra

Como a gente tinha a luta da terra, comecei a andar já com o outro marido, um índio Maxakali. Tinha uns 20 anos e comecei a lutar nas terras, ele falava muito pouco o português e eu comecei a desenvolver melhor a luta pela terra. Então as pessoas da comunidade disseram que, como não tinham um cacique, iam me premiar como cacique.

Fui a Brasília, lutei na Funai de Governador Valadares (MG), sempre tentando resolver a questão da terra, que perdemos e precisávamos reconquistar para poder sobreviver.

Saúde

Comecei a trabalhar como agente de saúde, pela prefeitura. Fazia remédio, ajudava a dar o remédio, cuidar do pessoal. Isso pela prefeitura, não pela Funasa.

Quando o pessoal adoecia, a gente levava para o hospital. Lá, o hospital era bom, desenvolvido, com muitos médicos. As pessoas foram me conhecendo. As meninas da cozinha me conheciam, eu dizia: eu quero consultar meu povo. Aí eles me passavam na frente, me davam a receita. Aí a prefeitura começou a me pagar. Com um ano e pouco, o prefeito disse-me que eu era uma mulher muito desenvolvida e que eu seria uma boa vereadora.

Em 1989, comecei a trabalhar como agente de saúde, quando a Funasa ainda não existia. Quando começou o trabalho da Funasa, eu já atuava na saúde indígena. Quando

“Tinha uns 20 anos e comecei a lutar nas terras... comecei a desenvolver melhor a luta pela terra.”



o pajé começou a lutar pela saúde, ele falou que tinha um encontro de mulheres sobre a saúde e falou para eu ir junto com o médico e a enfermeira de Governador Valadares.

Eu fiz um cursinho de assistente de saúde para aprender a discutir. Meu estudo é pouco, ainda estou estudando e quero estudar, mas a gente tem muita luta, a gente quer aprender mesmo só para lutar.

Política

Quando o prefeito me indicou para ser a vereadora, falei assim:

- Mas eu não sei nada! Eu sei da minha luta, da minha cultura. Para entrar na política de branco, eu não sei.

Ele disse:

Não, você sabe sim, você já luta, você já sabe, a política é a luta mesmo.

Depois lutei, comecei a reunir meu povo. Eu disse para nós juntarmos para ter uma liderança mais forte, saber entrar pra conseguir as coisas, cobrar um trabalho.

Agora que eu ganhei, vou resolver pelo município e pelo meu povo. Agora sou município. É por isso que eu estou com uma casa na cidade, mas eu não fico lá. Resolvo as coisas e eu vou embora para a aldeia.



“Depois lutei, comecei a reunir meu povo... para ter uma liderança mais forte.”

Apoio dos homens

Quando eu comecei, eles ficaram contra mim, dizendo que eu não podia ser cacique, porque eu era mulher. Mas afirmei que eu era liderança e que também eu fui escolhida por Deus. Depois eles reconheceram que eu merecia ser cacique, porque lutei pela terra, lutei para conseguir a demarcação de nossa área, que havia acabado de ser demarcada, em 2001, quando conseguimos ligar uma aldeia na outra. Elas eram divididas por uma fazenda no meio. Agora é só uma, a Aldeia Maxakali.

Hoje, os homens falam que as mulheres ajudam muito e que a mulher fala certo. Agora já estão entendendo o que a mulher fala. Que ela fala para ajudar. Eles já não têm mais ciúmes. Eles me procuram muito. Até os brancos pedem meus

conselhos.

Visão de luta e herança

Eu segui a história do meu pai, que falou:

- Minha filha, não são os homens que mandam nas coisas. Agora você tem que aprender, porque você é quem vai resolver a sua família.

Minha mãe era guerreira. Nossa cultura tem um povo guerreiro, de luta, de brigar pela religião.

Comecei a andar junto com eles, depois a gente começou a representar as mulheres e as companheiras aqui.

Movimento das mulheres indígenas

Depois que eu me separei é que comecei a lutar pelo movimento das mulheres indígenas. Eu comecei há pouco tempo, foi em 2001, nos 500 anos. No encontro da Bahia, em Porto Seguro.

As mulheres da aldeia tinham ciúmes, mas hoje todo mundo me procura, minha comunidade todinha resolve comigo.

Acho que o movimento tem que melhorar. Nós temos que continuar a caminhar, realizando encontros das mulheres indígenas. Quero organizar aqui em Minas. Temos que encaminhar pessoas para renovar o movimento.

Começamos a participar do encontro com as meninas da Bahia. Depois, eu fui participar de encontro com as mulheres feministas brancas, aquelas mulheres sociais, lá em Belo Horizonte (MG). Nesse tempo, eu já tinha a minha representação como mulher guerreira. Fui em Brasília, fazer uma representação com o Marcos Terena, fui em Maceió para outro encontro. O primeiro encontro que eu compareci foi em Tabacurí – MG. Aí, eu comecei a caminhar no movimento das mulheres e estou firme até hoje.

Vitórias

Como cacique, consegui professor para a nossa aldeia,

“Acho que o movimento tem que melhorar. Nós temos que continuar a caminhar...”



*“... hoje a gente não tem a mata,
não tem a caça, a gente tem
aprender alguma coisa, para poder
...brigar com caneta na mão...”*



mesmo com a resistência do prefeito, que não queria, alegando que iríamos perder a cultura. Aí, eu expliquei que não vamos perder e que estudar era importante, porque hoje a gente não tem a mata, não tem a caça, a gente tem aprender alguma coisa, para poder brigar com o governo, brigar com caneta na mão, lutar pelos nossos direitos. Então, ele colocou o professor lá. Agora tem uma escola e queremos outro professor, que fale a nossa língua.

Conseguimos a farmacinha e a gente está lutando pra conseguir o posto de saúde. A gente fica cobrando, fica em cima. A gente precisa cobrar para ter as coisas, a saúde, ter a roça, manter o desenvolvimento da nossa aldeia. Eu sei ler um pouquinho, sei escrever pouquinho, tenho experiência, mas nossos filhos têm que aprender as coisas, ter estudo. A gente tem que aprender a ler e escrever pra brigar com o governo.

Religião

A gente não tem mata. Para praticar a religião tem que comprar uma coisa, tem que comprar uma vaca pra matar, às vezes um porco, porque a festa é grande.

Tenho a minha religião, minha tradição, sou índia.

Alcoolismo

Temos o problema do alcoolismo nas aldeias. É um problema que maltrata as pessoas da aldeia, as crianças.

Nós estamos tentando fazer uma lei, para ter um tratamento para o alcoolismo. Estamos preparando uma proposta de lei para o município e outra para Brasília.

Mensagem

Temos que nos unir e ajudar os homens, porque a gente tem nossas crianças, temos netos. Nós, mulheres, temos que aprender e os homens têm que apoiar o nosso crescimento. Todos devem tomar a frente para resolver os problemas, fazer com que as crianças estudem alguma coisa. Hoje está tudo muito diferente do que foi com os nossos antepassados.

Maristela de A. Santos

Maristela de Albuquerque Santos, 44 anos, é Fulni-ô. Mora na aldeia Fulni-ô, que fica a 400 quilômetros de Recife (PE), no município de Água Belas. Filha do cacique João Pontes, Maristela aprendeu em casa a importância de lutar pelos direitos indígenas de seu povo.

Formada em biologia, com pós-graduação em psicopedagogia, essa guerreira optou por trabalhar junto ao seu povo e está na coordenação das escolas da aldeia Fulni-ô. Antes de abandonar a profissão de bióloga, fez concurso para a Sucan (Superintendência de Campanha da Saúde Pública), onde foi chefe do Laboratório de Chagas.

Em sua caminhada, Maristela se orgulha de ser Fulni-ô, povo que nunca perdeu o idioma, Yathé, apesar de todas as proibições ao longo do contato com o homem branco. O Yathé é falado em casa, nas ruas e na escola. Uma cerimônia secreta, o Ouricuri, que resistiu a todas as proibições do não-indio, contribuiu de forma definitiva para a manutenção da língua.

Maristela participa do CONAMI, para buscar o fortalecimento e a união das mulheres de sua aldeia, que ainda não têm uma associação própria.



Infância

Sou filha do cacique da aldeia João Francisco dos Santos Filho, e de Maria de Albuquerque Santos. Todos somos índios Fulni-ô. A minha casa fica bem no limite com a cidade de Águas Belas. Antigamente, era só mato. Na história Fulni-ô, aqui era tudo aldeia indígena. Não tinha o município. Por conta de problemas, os coronéis expulsaram os nossos antepassados, tocaram fogo nas casas, que ficavam na aldeia, na divisa do estado de Alagoas.

Meu pai estudou e passou muito tempo lá no Rio de Janeiro. Quando ele voltou, minha mãe o conheceu o meu pai e aí eles se casaram. Tiveram sete filhos, só eu de mulher. Mamãe era professora. Isso foi na aldeia. Eu sempre morei lá.



“Antigamente, era só mato. Na história Fulni-ô, aqui era tudo aldeia indígena. Não tinha o município.”



Estudo

Saí da aldeia para estudar na cidade. Fiz biologia, depois fiz pós-graduação em psicopedagogia. Em 1983, fiz concurso e trabalhei na Sucan (Superintendência de Campanha da Saúde Pública), que hoje é a Funasa. Quando foi em 1987, eu saí da Sucan e entrei para a Funai, pois eu era louca para trabalhar com meu povo. Na época, na Sucan, eu era chefe responsável pelo laboratório de Chagas.

Quando fui trabalhar na Funai, fui para a aérea da educação, mas também trabalhei em outros setores. Passei três anos em Paulo Afonso, depois voltei para Terra Fulni-ô, onde estou até hoje. Sou contratada como professora e coordeno as três escolas, que, da aldeia, em duas escolas temos turmas na língua materna, que é o Yathé.

Mobilização

O povo vem me procurar para qualquer área de assistência. Qualquer que seja, eu sempre participo. Houve o encontro de mulheres indígenas, DST/AIDS, em 2001, promovido pelo CONAMI, do qual participei também. Fizeram uma eleição para colocar uma representante e as mulheres da aldeia me elegeram.

Na aldeia Fulni-ô, infelizmente, não existe nenhum movimento especificamente de mulheres indígenas. Temos uma associação, mas o objetivo é outro.

A gente estava presente no encontro de mulheres em Maceió, observando o movimento e surgiu a idéia de fazer o mesmo trabalho. Estamos pensando seriamente em formar um comitê, como o que tem lá em Maceió. Precisamos preparar um pessoal para multiplicador, principalmente com relação à saúde.

Na aldeia Fulni-ô ainda não existe esse tipo de luta das mulheres, como fazem em outros povos. Eu acho admirável, essas mulheres que já conseguem organizar o movimento são heroínas. Elas estão muito bem organizadas. E o CONAMI, que é a base, poderia fazer um trabalho de vir na aldeia Fulni-ô pra

ver a situação, de orientar as índias para ter esse tipo de organização.

Saúde

É triste e lamentável dizer que a Aids cresce na comunidade Fulni-ô, por falta de informação. A Funasa está deixando muito a desejar, principalmente por saber que o índice de soropositivo é grande lá. Em 2001, o encontro do CONAMI aqui foi muito bom. Precisava ter mais para informar as pessoas da aldeia. Todas as mulheres ficam me perguntando quando é que vai ter de novo. Elas gostaram.

Casamento

Casei com 21 anos e tive um filho com um não-indio. Não deu certo, eu me separei e depois me casei de novo. Há oito meses estou casada com um Fulni-ô.

Apoio da família

Meu marido nunca se incomodou com o meu trabalho. Mamãe e papai também, mas eu participo mesmo é na área de educação.

Religião

Na aldeia preservamos muito a nossa religião. Temos o Ouricuri, que é o local onde a gente faz nosso retiro religioso. Apenas os Fulni-ô participam.

Mensagem

Digo para as mulheres indígenas de todas as etnias para tomarem consciência de que a gente também deve se organizar, para trazer melhorias não só para as mulheres, mas para todo o povo. Não buscar só resultado para as mulheres, mas sim para toda a comunidade.



“É triste e lamentável dizer que a Aids cresce na comunidade Fulni-ô, por falta de informação.”





Zenilda Vilacio

Com 47 anos e uma luta pela vida iniciada muito cedo, Zenilda, 47 anos, é guerreira Saterê-Mawê e nasceu na aldeia Ponta Alegre, no Amazonas (AM). Por decisão de seus pais, que já tinham oito filhos e estavam sem condições de criá-la, aos quatro anos de idade foi para Manaus viver na casa de familiares também muito pobres. Aos doze anos, com recursos de seu próprio trabalho, comprou seu material escolar e conseguiu cursar até a 4ª série do ensino fundamental.

Foi por meio do artesanato que Zenilda conseguiu unir as mulheres indígenas da cidade e da aldeia em um trabalho conjunto, fortalecido pela criação da Associação de Mulheres Indígenas Saterê Mawê - AMISM. Hoje Zenilda atua no movimento indígena em todo o país.



Infância

"Chamaram minha avó e disseram assim: "olha, dona Maria, leva essa menina, cria ela..."



Minha mãe tinha muitos filhos, nós éramos nove. Um dia, meu pai e minha mãe sentaram e decidiram que não tinham condições, que tinham muitas crianças. Chamaram minha avó e disseram assim: "olha, dona Maria, leva essa menina, cria ela..." Só que minha avó não tinha possibilidade de me criar, porque era muito velha. Ela me deu para uma outra tia. Eu fiquei lá, lavava roupa, lavava calçada, carregava água. Naquela época não tinha água encanada aqui em Manaus, eu tinha que ficar na fila pra conseguir água.

Não pude estudar porque minha tia e minha avó não tinham condições. Minha tia tinha outros filhos e ela preferia que eles estudassem. Só que eu preferi estudar por conta própria. Na época eu tinha 12 anos. Com o meu trabalho, comprava meus lápis, meu caderno, meus materiais escolares. Estudei apenas até a quarta série do ensino fundamental.

Com a morte do meu pai, que só tinha filhas mulheres, minhas irmãs vieram para Manaus trabalhar como domésticas, pois na aldeia discriminam muito a mulher. Um funcionário da Funai mandou as meninas para a cidade, para ajudar as outras que já estavam lá. As quatro irmãs vieram trabalhar aqui na cidade, em



Manaus. Daí elas começaram a trabalhar como domésticas. Soube que minha mãe tinha uns pés de laranja que meu pai deixou. Ela colocava numa bacia e trazia pra vender em Manaus.

Casamento e os filhos

Nessa época eu tinha uns 12 ou 13 anos, eu conheci um rapaz , amigo da minha irmã, que simpatizou comigo. Eu não gostava muito bem dele, mas minha mãe e minha avó diziam que eu tinha que casar, porque ele era homem e poderia ajudar a gente a comprar uma casa. Na época, a gente ficava na casa dos outros também. Depois de muita falação, acabei casando com ele, aos 14 anos.

Ele era muito caprichoso, me ajudava muito. Eu tive três filhos e ele me ajudou a comprar uma casa. E ele não era índio, talvez fosse, mas eu não sabia. Parece que a mãe dele era índia, mas eu não sei bem ao certo. Ficamos 18 anos juntos, descobri que eu não o amava e ele não me amava. Ele arranjou outra e foi embora e eu acabei de criar as crianças. Quando ele foi embora, eu fiquei louca porque eu não tinha emprego, não tinha como criar meus filhos. Lá fui eu de novo, lavar calçada, capinar quintal, fui lavar roupa, lavar tapete. Meus filhos já estavam com 10, 14 anos e começaram a me ajudar. O caçula tinha doze anos. Isso tudo foi em 1988. No final de semana juntávamos dinheiro para podermos comer bem.



"Meus filhos já estavam com 10, 14 anos e começaram a me ajudar."

Movimento indígena

Entrei no movimento indígena para procurar os meus direitos e poder lutar por melhores condições de vida. Certo dia, meu primo João falou que eu tinha que trabalhar com as mulheres indígenas e tentar fazer uma organização só de mulher. Ele começou a me ensinar sobre os direitos indígenas. Comecei a ir à reunião e fui escutando. Daí, conheci uma mulher chamada Marly e ela me perguntou se eu sabia fazer anel de Javari. Naquela época, minha avó, que estava para morrer, me deu um anel desses e disse: "olha, minha filha, esse anel vai te ajudar muito na sua vida". Eu escutei aquilo e quase não levei em consideração, mas depois que a companheira falou, lembrei da minha avó. Chamei minha filha e fomos arranjar o caroço



"...em 1990, nós tivemos a primeira reunião com as mulheres Saterè Mawê, que vieram da aldeia. Começava a nascer a Associação."



para fazer o anel.

Por dois anos, a gente enfrentou perigo com onça, cobra, para conseguir o caroço no mato. Fui fazendo e vendendo. Quando foi em 1990, nós tivemos a primeira reunião com as mulheres Saterè Mawê, que vieram da aldeia. Começava a nascer a Associação.

Eu botei na minha cabeça que nos precisávamos de uma alternativa econômica para o nosso sustento. Depois, aqui na cidade, as pessoas não davam mais emprego pra gente, porque achavam que as diaristas roubavam muito. Eles achavam que as índias também roubavam. Então, eu chamei minha irmã para me ajudar a vender anel. Na primeira venda eu faturei 50 reais, daí já deu pra começar com uma lixa, serra etc.

Para a gente começar a fazer uma associação para nós vendermos e repassarmos. Todas concordaram e decidimos também chamar as mulheres da aldeia, porque lá na aldeia tem o material. Então chamamos e o objetivo da associação era a alternativa econômica. Conseguir recursos pra podermos pagar luz, água, dar o que comer aos nossos filhos.

Daí, o dinheiro do anel começou a permitir comprarmos peixe, farinha. Chamamos as mulheres da aldeia, fizemos parceria com o CIMI e vieram dois homens da aldeia para trabalhar com a gente. Conversamos com as lideranças da aldeia e explicamos sobre a associação de mulheres, apenas mulheres Satere, cujo objetivo era também comprar botão, agulha, linha, nossa comidinha, e perguntamos se poderíamos ter o material da aldeia. Perguntamos se eles aceitavam nos vender o material e eles disseram que sim.

Começamos a trabalhar com o nosso povo. Quando foi em 1990, tivemos nossa primeira reunião Saterè Mawê.

Dificuldades

Houve muita dificuldade. Até 1995, nós batalhamos sós. Nesse ano, tivemos um projeto para a cooperação das mulheres indígenas. Foi aí que começamos a ter um dinheiro a mais, para começar a fazer nosso estatuto, corremos com a nossa documentação da associação. Durante cinco anos eu batalhei pra fazer isso. Fizemos uma, duas assembléias, para mostrar nossa documentação, pra conseguir montar nossa associação.

Procurei dinheiro de novo, fizemos e vendemos colar, anel, depois disso comecei a organizar as coisas.

Em 2000, começamos a fazer o projeto da coleta do lixo nas aldeias Saterê. Tudo isso surgiu da idéia da associação AMISM. Foi aí que começamos a batalha. Mas não foi tão fácil, foi muito difícil. Nós também exportamos os nossos anéis, colares, tudo pra fora do Brasil. O trabalho da coleta do lixo, de limpar a aldeia nasceu na associação. Todo mês vamos lá para fazer uma limpeza em todas as aldeias, com o dinheiro da venda do artesanato. Assim, a gente está crescendo. O retorno vai sempre pra aldeia. Aqui tem mulheres que trabalham com a gente, as mulheres da aldeia. Elas coletam o material e a gente vai buscar.

As mulheres Saterê Mawê da aldeia têm muita dificuldade. O machismo é muito forte dentro da aldeia. Ela não pode sair, ela não pode falar muito. Não sei porque, acho que é a vontade de Deus, eu lutei muito pra vencer, mas foi com muita dificuldade.

Movimento das mulheres indígenas

No movimento indígena, os homens diziam que a mulher tinha que ficar com os filhos na cozinha, enfim, fazer filho. Quando eu conheci uma indígena Baré, decidimos articular as mulheres. Na primeira a assembléia, nós discutimos e fui mostrando as proposta para todas.

Eu espero que do CONAMI saia alguma deputada ou senadora. Isso porque a sociedade vê a gente como ignorantes, e está na hora de mostrar que nós, mulheres indígenas, estamos lutando por nossos direitos, sem perder a nossa identidade nem a nossa cultura. Espero que o movimento das mulheres faça algo mais. Confio muito em Deus e tenho muita fé.

Mensagem

Deixo um apelo, para quando as mulheres também chegarem ao poder não terem egoísmo. Ir para dentro do poder e começar a valorizar todas as mulheres, lembrar das parentes e não esquecer as companheiras que estão lá na aldeia.

"Eu espero que do CONAMI saia alguma deputada ou senadora."





Maria Antonia S. de Souza

Cacique do acampamento Estrela, localizado na BR 386, a 70 quilômetros do município Estrela, no Rio Grande do Sul, Maria Antonia Soares de Souza, guerreira do povo Kaingang, é casada e tem 12 filhos. Logo na infância, viu sua família ser retirada do local onde vivia e deixada debaixo de uma ponte. Passou muito sofrimento e provação.

Casou e foi morar em Porto Alegre, onde enfrentou mais dificuldades e humilhações.

Até conseguir retornar para onde estava o seu povo, resgatar sua origem e seus costumes e tomar a grande decisão de sua vida, que foi a de lutar incessantemente pelos direitos indígenas, tornando-se uma importante liderança do movimento. Sofreu toda sorte de violência.

Hoje, além de grande líder de sua comunidade, onde foi eleita cacique, também é membro do Conselho Estadual dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul.

"A gente não conhecia casa, não conhecia roupa. A gente vivia lá no mundo indígena mesmo..."



Infância

Quando eu era criança, 1962, com quatro anos, tomou posse o Brizola, que mandou que a nossa família fosse carregada igual bicho. A gente morava na gruta dos índios, em oca. A gente não conhecia casa, não conhecia roupa. A gente vivia lá no mundo indígena mesmo, e os mandantes do Brizola nos carregaram nas caçambas para debaixo de uma ponte e disseram que índio tinha que morar embaixo da ponte, na beira dos asfaltos. Ai, a gente foi ficando lá, porque não tinha onde ficar. Passamos dificuldade, eu não tive estudo, meus irmãos também não têm estudo, não sabem nem ler muito, não sabem nem escrever bem.

Aos 12 anos, um casal de branco ofereceu algo ao meu pai, para ficar comigo. Meu pai dizia que eu não sabia trabalhar

em casa de família e que eu não conhecia casa. Eles diziam que era pra cuidar de neném. Meu pai, que também não sabia de nada, só vivia dentro do mato. Com a insistência deles, meu pai aceitou que me levassem e ficou com a promessa de receber dinheiro pelo meu pagamento de cuidar da criança. Na hora, eles deram um dinheiro, porque a gente estava sem comida, e eu fui.

Chegando lá, não era pra cuidar de criança, era uma casa só de maloca, casa só de mulheres, de zona. Eles me arrumaram, eu não sabia de nada, era uma criança, tinha uns doze pra treze anos. Eles me botaram calçado, roupa, e eu dizia que não queria. Me obrigaram a dançar umas músicas, eu fiquei estranha. Eles arrumaram meus cabelos, que na época eram muito longos, cortaram um pouco. Eles também diziam que eu tinha que viver o mundo deles e que a gente era uns bugres, que não sabia nada.

Daí fui obrigada a ficar lá, mesmo não agüentando. Quando eu queria fugir, eles me surravam. Surravam porque queriam que eu bebesse e eu não era acostumada a beber bebida alcoólica, não sabia usar roupa, não sabia dançar aquelas músicas. Só que eu fui obrigada. Eles diziam que iam matar a minha família e eu, com medo, não tentei mais fugir.

Eles davam remédio para não engravidar, mas com 14 anos eu fiquei grávida. Não sabia nem quem era o pai, porque eu tava lá naquela casa de zona. Na casa eles me disseram que não queiram nenhuma criança. Quando me deram alta, aí eu comecei a pensar onde vou encaminhar o meu neném. Veio uma senhora que disse que iria cuidar do meu neném, só que perguntei se ela iria deixar eu ver todo dia, e ela falava que iria cuidar. Ela mentiu, ela registrou. Ela levou minha menina, que vi ela só quando ela tinha um aninho, depois nunca mais vi. Hoje ela vai fazer trinta anos.

Casamento

Depois eu arrumei um namorado, ele casou comigo e me levou pra Porto Alegre. Eu tive outros meus filhos com ele, mas também foi uma desgraça, porque ele só queria se aproveitar de mim. Eu me cansei da vida que levava na cidade, porque

“Quando eu queria fugir, eles me surravam. Surravam porque queriam que eu bebesse...”





"Meus irmãos não estudavam, por causa da discriminação...Então decidi começar a buscar os nossos direitos."

não era aquilo que eu queria, eu queria estar junto com meu povo. Achei meu pai, mas ele não aceitava a minha volta porque eu tinha filho com homem branco. Eu tentei explicar, mas ele não quis entender, porque eu não casei com índio. Se ele se casou com índia, eu tinha que ter casado com índio também, ter filhos com um índio, não com branco. Eu dizia que não tinha culpa, mas ele não aceitava, achava que tinha muitos meios para eu pensar, antes de ter tido filho com branco. Aí eu fiquei lá na cidade.

Em 1990, dias antes de morrer, meu pai me perdoou e me chamou para voltar e ajudar a comunidade. Ele morreu atropelado por um caminhão. O motorista, que não gostava de índio, passou em cima do meu pai. Ficamos na maior dificuldade. Minha mãe ficou com todos meus irmãos, passando necessidade. A gente não era reconhecido pela Funai, não era reconhecido por órgão nenhum. Eu comecei a pensar e resolvi voltar pra aldeia e ter sofrimento junto com eles.

Hoje, tenho doze filhos. Só que, com o meu marido atual, com quem estou há cinco anos, eu não tenho nenhum filho. Eu não quero mais. Ele foi o único que não me proibiu de ser uma liderança, porque para ser um cacique tem que ter pulso pra agüentar aquilo que a comunidade quer e o que não quer.

Discriminação

Quando voltei para a minha comunidade encontrei todos vivendo muito mal. Eu não queria que eles vivessem assim, passando tanta discriminação, até na escola. Era muita discriminação. Meus irmãos não estudavam, por causa da discriminação. Muitas vezes deixavam eles no meio da rua, não deixavam nem entrar dentro da sala de aula.

Então decidi começar a buscar os nossos direitos. A primeira coisa que eu fiz foi colocar uma escola lá dentro da aldeia. Via aquelas famílias morando na beira do asfalto, passando dificuldade, vivendo só com o artesanato que a gente fazia, porque sabia desde pequeno. Hoje não sei falar a língua, mas entendo o que eles falam, só falo um pouco.

Cacique

Comecei a tomar a frente, fui na Funai e eles enviaram um professor branco. Na Funai, eles avisaram que tinha que ter um cacique para comandar e ajudar a conseguir as coisas no órgão. Expliquei que a gente não tinha esse costume de ter cacique e que sempre atendíamos o pedido do pajé. Eles insistiram que era bom ter um cacique, fazer uma reunião com o povo e disseram para eu ser cacique, mas eu disse para dar oportunidade para outros homens. Então, fizeram uma votação, e eu fui a mais votada e fiquei cacique.

Movimento Indígena

Agora também sou do Conselho Estadual dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul – CEPI, e eles me chamaram para trabalhar junto, onde só tinham homens. Os caciques que me colocaram lá, e eu fui bem aceita por todos. Os caciques me apoiam.

Na Conferência Nacional das Mulheres indígenas, em julho de 2004, em Brasília, promovido pelo CONAMI, primeira vez que eu saí do Rio Grande do Sul, encontrei outras lideranças mulheres. Foi muito bom pra mim, tive muita experiência boa, de como se lidar com o povo, de trabalhar e ser honesto. Acho que o nosso caráter é esse de ser honesto, não porque é índio tem que ser desonesto, acho que nós, índios e índias, temos que ser honestos e ter sinceridade.

Hoje as pessoas estão me chamando mais para as reuniões, para os debates. Às vezes eu fico contente, é bom pra gente aprender, porque eu ficava longe, não tinha experiência de nada, já sei agora como trabalhar com o meu povo Kaingang.

Tradição

Em julho, é época de se banhar só com natureza. A gente faz um chá das ervas. Temos gente mais velha, que é o pajé, e ele ensina o banho e o chá para nós tomarmos. Daí, a gente

“...acho que nós, índios e índias, temos que ser honestos e ter sinceridade.”



faz um ritual espiritual do nosso povo Kaingang. Também temos outros meios e também trabalhamos a saúde de todos. O pajé só trabalha com o chá de medicina tradicional.

Nossa tradição se perdeu muito. Hoje a gente tem usar roupa dos brancos, a gente tem que usar o calçado dos brancos. Anos atrás, tínhamos a nossa comida, do nosso costume, não a comida do branco.

Hoje tem os índios que sabem ler, que são professores bilingües, outros são advogados, mas estamos também resgatando a nossa cultura, falando a nossa língua. Lá na aldeia hoje tem criança que fala o idioma.

Religião

Olha, eu vou falar bem verdade, eu não gosto de religião nenhuma. Gosto mesmo é da minha mesma, que é Deus e a natureza, que é a nossa mãe e nos oferece os alimentos. Nós temos que cuidar da terra, que para nós, Kaingang, é a nossa mãe. Então a terra é como mãe, essa é a nossa religião. Eu não troco por igreja nenhuma desses jesuitas, que só querem batizar a gente, e isso não é do nosso costume.

Organização de mulheres

Participo do Conselho Estadual dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul - CEPI, que não é de mulheres, mas eu estou planejando passar essa experiência para as mulheres Kaingang, às vezes, elas estão lá na base e não sabem. Elas têm força e têm poder também, porque hoje tem mulher delegada, mulher oficial, mulher juíza, mulher prefeita. Por que não pode ter mais mulher cacique? Acho que o homem não pode ser machista como antigamente, quando as mulheres tinham que ficar cuidando da casa, tendo filho. Acho que não pode mais acontecer mais isso.

A gente está pensando em fazer uma organização de mulheres do Rio Grande do Sul. Já formaram outras que não deram certo, porque deu briga. Os homens não



“Hoje tem os índios que sabem ler, que são professores bilingües, outros são advogados...”

querem. Eles só querem poder. Aí tem verba e dá briga com os homens. Temos mulheres que apanham dos maridos dentro da aldeia, são violentadas pelos próprios maridos. Eles ainda são meio machistas, mas muitos estão mudando.

Mensagem

A minha mensagem é para elas terem um caráter forte. Não ter medo de estar diante da realidade. Não ficar escondida e mostrar os rostos, como os rostos dos homens são mostrados. Não ter vergonha de nada e enfrentar, ir à luta, mesmo com os maridos não querendo. Temos que dizer: hoje eu resolvi e vou fazer e cobrar deles o respeito.

“Não ter vergonha de nada e ir à luta, mesmo com os maridos não querendo.”





Graciliana Selestino da Silva

Graciliana, 29 anos, é guerreira Xukuru-Kariri e mora na aldeia Boqueirão, em Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas. Filha do cacique Manoel Selestino da Silva e de Maria de Lourdes Gomes da Silva, nasceu na aldeia da fazenda Canto e teve em seu avô, Alfredo Selestino, um exemplo de luta pela retomada das terras indígenas, inclusive da fazenda onde nasceu e se criou até os 18 anos.

Participou da Eco 92, encontro internacional realizado no Rio de Janeiro, onde acumulou grande experiência no movimento indígena e despertou para a necessidade de fortalecer as mulheres e contribuir para o crescimento da mobilização feminina dentro e fora das aldeias.

Em Brasília, em 1995, nova oportunidade a levou ao movimento das mulheres, onde conheceu indígenas que estavam atuando há mais tempo. Hoje também faz parte do Comitê Intertribal de Mulheres Indígenas – COIMI, formado pelas mulheres Xukuru-Kariri .

“Aos 14 anos de idade, meu pai me lançou para o mundo fora da aldeia, para ingressar no movimento de mulheres, com mulheres organizadas.”



Infância

Eu nasci e me criei dentro da aldeia, na fazenda Canto. É uma das aldeias mais velhas daqui. Primeiro foi aqui na Serra do Capela, onde meu avô, que era o cacique Alfredo Selestino, lutou, reivindicou uma terra indígena, que foi a fazenda Canto. Fiquei lá até os meus 18 anos de idade, e depois fui morar na aldeia Boqueirão, uma outra terra indígena, retomada recentemente. Então, hoje eu moro lá.

Movimento indígena

Comecei no movimento dentro da minha comunidade. Sou uma pessoa muito curiosa sobre as decisões tribais. Sempre via meus companheiros e admirava muito meu pai como cacique. Vi a sua batalha pelo povo. Ficava curiosidade quando meu pai chegava das viagens. Queria saber do resultado das reivindicações, das benfeitorias, não só para o povo Kariri Xucuru, como para toda a região Nordeste. Eu sempre ficava escutando o que ele repassava pra os mais velhos, o que tinha buscado, o que tinha conquistado também. Sempre tive essa admiração pela luta do meu pai. Então, muito cedo eu comecei a me interessar pelas decisões comunitárias,

a querer saber de tudo o que estava acontecendo na aldeia.

Aos 14 anos de idade, meu pai me lançou para o mundo fora da aldeia, para ingressar no movimento de mulheres, com mulheres organizadas. Foi quando ele recebeu uma carta do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, daqui do estado de Alagoas, para apresentar três nomes de mulheres índias, que tivessem garra e certa liderança dentro da comunidade indígena. Acho que meu pai viu que eu tinha um espírito de liderança. Naquela época, eu tinha 14 anos de idade e ele me indicou; junto com o meu nome indicou o de uma prima minha, a Quitéria Selestino, já falecida, da Etelvina e de outra que não era do povo Xucuru-Kariri, mas era de outra região: a Maria do Carmo, que é uma guerreira. Então, na realidade, foram quatro nomes indicados. Dessas quatro mulheres indicadas, apenas uma iria representar o estado de Alagoas.

Na época, fizemos uma entrevista com a presidência. Aqui em Alagoas, o Conselho Estadual de Defesa da Mulher, é um órgão do estado. Isso foi no ano de 1989. A primeira mulher índia a representar esse conselho foi a Maria Bezerra, mas ela ficou apenas dois anos nos representando nesse conselho. Até então, não havia organização das mulheres, e elas eram indicadas pelos caciques das aldeias. A participação das mulheres no movimento indígena era muito pouco nessa época.

ECO92

Foi o Marcos Terena que me deu a oportunidade de participar do movimento indígena e aprender muito. O Marcos deu apoio para os índios do Nordeste e, depois de conversar com o meu pai, por quem tinha grande respeito, me convidou para participar da organização do movimento indígena no Eco 92, no Rio de Janeiro. Lá foi realizado o primeiro Encontro de mulheres Indígenas da América Latina.

Fiquei sete meses no Comitê Intertribal, cuja sede era na Praça da Bandeira. Foi uma experiência muito grande e importante para minha formação. Foi lá que comecei realmente a observar que as mulheres indígenas eram excluídas do movimento dos povos. Então a liderança era sempre só de homens. As poucas mulheres índias eram para ajudar, mas não para decidir ou deliberar. Então, aquele momento foi um despertar para mim. Até porque eu via e ouvia muito sobre as mulheres feministas. E achei que as mulheres indígenas tinham que começar a fazer o seu papel, um papel de construção de uma cidadania melhor, para se adequar ao milênio que começaria logo em seguida.

“Foi lá que comecei realmente a observar que as mulheres indígenas eram excluídas do movimento dos povos.”



Movimento das mulheres indígenas

O encontro marcante para minha pessoa foi o I Encontro de mulheres Indígenas em Brasília, em 1995. Lá eu conheci várias mulheres indígenas que estavam lutando.

Foi aí que nós, mulheres indígenas, percebemos que tinha que ter uma organização das mulheres. Aí que começou o CONAMI, que eu dei a sugestão do nome e foi aprovado por todas nós.

A dificuldade do movimento indígena é construir uma cidadania melhor, considerando o gênero, raça e etnia e sem perder a espiritualidade indígena. O mais importante no povo indígena é a sua espiritualidade.

Conselho Estadual

Depois da indicação de meu pai, fiz uma entrevista e fui aprovada. O governador me nomeou no Diário Oficial como representante das mulheres indígenas no Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher. Senti-me muito perdida, porque era tudo diferente. A luta era da mulher não índia e eu não tinha experiência nesse assunto, em política. Até então, eu também não tinha contato com as lideranças do movimento indígena nacional. Mas comecei a observar tudo, para aprender.

No Conselho Estadual coloquei o distanciamento da mulher indígena com relação aos problemas abordados. Expliquei que era tudo diferente do meu povo, da cultura.

COIMI

Hoje, temos uma organização de mulheres indígenas, que é o Comitê Intertribal de Mulheres Indígenas (COIMI). Ele foi constituído só pelas mulheres Xukuru-Kariri, em 2000. Decidimos constituir essa organização para termos nossa autonomia, realizar ações, acontecer. Na época da fundação éramos 21 mulheres. Hoje atuamos não só com as mulheres Xukuru-Kariri, mas também com todo o Nordeste, mostrando para os homens que somos capazes e fazemos. Nós, mulheres indígenas, mães repassamos nossos valores para os nossos filhos. Garantimos a preservação de nossas culturas.

Trabalho

Tive que ir trabalhar fora da aldeia. Tive a oportunidade de trabalhar num presídio feminino em Maceió. Passei dois anos na área administrativa. Foi uma experiência muito boa, onde pude conhecer e trabalhar com

“Foi aí que nós, mulheres indígenas, percebemos que tinha que ter uma organização das mulheres, Foi aí que começou o CONAMI, que eu dei a sugestão do nome e foi aprovado por todas nós.”



mulheres delinqüentes, mulheres que tiveram fora da lei. Foi um momento de necessidade para sobrevivência, mas valeu muito como experiência. Nessa época eu tinha 24 anos.

Hoje eu tenho o ensino médio completo, já fiz curso de auxiliar de enfermagem e atuo dentro da aldeia. É necessário que a gente se qualifique para termos a nossa sobrevivência garantida. Só saí da aldeia para buscar estudo e qualificação. Todos os dias eu andava 12 quilômetros para chegar na cidade e terminar os meus estudos. Mas a grande escola foi a experiência da vida, do movimento indígena.

Casamento

Sou casada com um índio. Ele é a minha fortaleza. Além de ter meus pais, tenho o meu marido, que vive ao meu lado e é um grande apoio. Tive uma filha com um não-índio, mas não deu certo.

Dificuldades

No Nordeste temos a questão da identidade. Aqui é bem diferente de outras regiões da Amazônia, do Xingu, onde o pessoal tem os traços fortes e vive na força da cultura. Hoje, aqui, estamos trabalhando a capacitação das mulheres e buscando apoio para a sustentabilidade delas. Realmente, a questão da educação é muito importante, não só na minha aldeia.

Mensagem

A cada parente, principalmente às mulheres indígenas, peço que o espírito de guerreira, que há em cada uma de nós, não se perca. Ele é nossa fortaleza e garantia para poder lutarmos pelo nosso povo, estar à frente e junto com os nossos caciques, nossos pajés, nossos líderes, que buscam e reivindicam melhorias e garantias de nossas vidas. Jamais devemos passar à frente dos homens. Cada um de nós tem que despertar para a importância do movimento indígena, fazendo e decidindo o que deve ser melhor para os nossos filhos, tendo a visão sempre voltada para a espiritualidade indígena. As mulheres indígenas devem ocupar o seu espaço, tomar decisões, sem perder a espiritualidade indígena.



“As mulheres indígenas devem ocupar o seu espaço, tomar decisões, sem perder a espiritualidade indígena.”





" Na minha infância aqui eu aprendi, desde cedo, como lidar com colegas, e com as pessoas..."



Doroty Mayron Taukane

Guerreira Bakairi, 53 anos, Doroty nasceu no Posto Indígena Pakuera, no Mato Grosso. Com seus avós, aprendeu o respeito ao seu povo e às pessoas em geral.

Aos 16 anos, com a falta de professores na escola da aldeia, começou a alfabetizar crianças, jovens e adultos em sua comunidade. Hoje é a chefe do mesmo posto onde nasceu, atua na área da saúde e é conselheira para muitos problemas de casais.

Diante do inevitável contato com o não-indio, Doroty percebeu que devia estudar e buscar novos conhecimentos, para retornar e poder contribuir para a melhoria de vida de seu povo.

Enfrentou preconceitos por ser mulher e indígena. Foi para Brasília, onde fez o supletivo e trabalhou em casa de família. Depois foi para o Rio de Janeiro e trabalhou na Casa do Índio, ocasião na qual se tornou servidora da Funai. Transferiu-se para São Paulo, onde fez curso técnico de atendente e auxiliar de enfermagem. De lá foi para Cuiabá e, em seguida, retornou à sua aldeia, onde gosta de estar e trabalhar.

Infância e adolescência

Nasci e me criei aqui. A minha infância na aldeia foi aprendendo o nosso costume e havia uma escolinha onde a professora era sempre branca. Na minha infância aqui eu aprendi, desde cedo, como lidar com os colegas, e com as pessoas... Sempre quis ser professora, mas eu não segui ser professora não, eu fui ser agente de saúde, eu gostei mais da saúde.

Na aldeia, como é um lugar bem distante, havia poucas casas. Aqui era tudo difícil para nós. Aqui é tudo distante. E a brincadeira da gente era sempre no costume da gente mesmo, minha infância era daqui mesmo, tudo era daqui!

Nós tínhamos uma roça. Cada família tinha uma roça e tinha roça comunitária do Posto Indígena. Tinha caça e pesca. Antigamente, aqui era fácil, porque não era muito povoado como está hoje. Naquela época, a gente tinha peixe. Hoje

estamos denunciando a pesca ilegal na terra indígena e está aparecendo um pouco mais de peixe.

Na minha adolescência aqui eu não tive dificuldade. Sempre eu estudei junto com os meninos e estava sempre com eles. Antigamente tinha, não sei se hoje tem, aquela história de decorar na cabeça e ter que falar. Eu sempre me destacava dos meninos. Eles me respeitavam e eu também. Nós tínhamos colegas brancas também aqui na aldeia. Eu tinha dificuldade de estudar o português, porque a gente falava só a nossa língua. Aí ficava difícil de entender o português. Quando a gente chegou nessa escola, para nós índios, era um lugar de estrangeiro. A gente ficava assustado. Hoje em dia mudou, aqui na nossa escola tem pessoas indígenas mesmo, os professores são indígenas e as crianças não ficam assustadas. Eu sempre estudei e trabalhei na aldeia.

Dedicação ao trabalho

Trabalho no setor de saúde, faço visita, a visita domiciliar. Então eu visito as casas, o que os parentes têm vergonha de falar pro pessoal que não é índio, eu converso com eles, dou segurança para eles falarem francamente comigo e cuido para que eles não tomem o remédio errado. Se o tratamento é difícil, ninguém vai falar. A maioria tem medo, porque acha que toda comunidade vai saber as doenças, pelo tipo de doença. Principalmente com as mulheres, na parte de ginecologia, elas têm vergonha de falar. Aí eu explico que saúde é bom, se tem essa prevenção é porque é bom ter vida com saúde.

Eu gosto de estar onde os parentes estão. Eu trabalhei na Casa do Índio em Cuiabá, no Rio de Janeiro, trabalhei em São Paulo, sempre na área de saúde. É muito gratificante esse trabalho. Tem aquelas pessoas que chegam muito assustadas. A gente tem cuidado, vai conversar, receber bem. Só saindo da aldeia é que eu senti como ser bem recebido e tratado faz a diferença. Por isso eu falo com as pessoas lá na Casa do Índio: "por favor, tratem bem meus parentes", Quando as pessoas não tratam bem nossos parentes, eu brigo mesmo.

" Quando a gente chegou nessa escola, para nós índios, era um lugar de estrangeiro".



Casamento

Quando saí para estudar e buscar novos conhecimentos, eu casei com não índio. Esse companheiro, não cheguei a casar no papel, não gostava do meu trabalho e por isso não deu certo. Tenho uma filha apenas.

Ele achava que esse meu trabalho não era bom pra mim, ele queria que eu fizesse outro serviço, não esse de saúde, aplicar injeção, cuidar de índio. Então a gente brigava. Foi indo, eu me desanimei e pensei que se ele gostasse de mim realmente não ia colocar obstáculo, ia aceitar minha vida como é.

Ele sabia que eu era indígena, nunca escondi minha origem. Daí falei para ele que é melhor a gente se separar, ele não queria, mas eu lutei bastante pra ele sair da minha vida. Eu morava com ele na cidade e daí eu vim para a aldeia. Senão ele nunca ia sair da minha vida. Desde cedo eu sempre lutei na escola. Eu é que sempre liderava com os meninos. Hoje, me convidam pra fazer palestras, e eu vou. Eu sou muito apaixonada. Assim, quero que nós, povos indígenas, tenhamos uma vida boa, uma vida melhor, com a nossa língua, com as nossas coisas, eu sou muito sonhadora nesse ponto.



“Na minha família tem grandes lideranças, tanto do lado da minha mãe como do lado do meu pai.”

Respeito

Aqui eu sempre consultei as lideranças, eu nunca fiz trabalho individual. Então eu sempre busco apoio deles. Na minha presença eu nunca enfrentei oposição, mas ouço comentários, mas nunca falam pra mim. Eu acho que é bom criticar. A gente não está tomando espaço deles, eu tenho história assim. Na minha família tem grandes lideranças, tanto do lado da minha mãe como do lado do meu pai. Então a gente respeita cada pessoa e o seu espaço. Se a gente não respeita o espaço do outro fica difícil.

No dia-a-dia, me dedico também a aconselhar os casais. Já houve separação aqui. Eu converso com os casais, explico que casar é bom, que não pode brigar, para ter harmonia. Eu

já ajudei a muitos casais ficarem de bem aqui. A minha contribuição é assim. A experiência aqui foi boa. A gente tem que respeitar o espaço do outro. Isso daí eu aprendi. Essas coisas vêm da nossa raiz mesmo.

Meus avós diziam para eu nunca falar que era melhor do que o outro, que a minha tradição é melhor do que a do outro. Ensinaram a quando chegar num lugar, nunca reparar porque a tradição é outra. A gente tem que ter esse respeito. Então, se eu não saísse daqui da aldeia e não tivesse esse entendimento, aí eu ia brigar muito.

Mulheres indígenas

Hoje em dia eu estou vendo que surgiram muitas lideranças femininas. As mulheres estão em tudo. Eu vejo assim. Eu parei um pouco de participar, fiquei distante, não sei bem ao certo como avaliar o trabalho das nossas companheiras atualmente. Eu fiquei muito fora, fiquei mais dedicado à aldeia.

Quando eu vou a Brasília, em alguma reunião do CONAMI, eu trago as coisas, conto tudo o que estiver acontecendo. A gente tem que aprender, somar junto com os homens. A gente tem que se fortalecer. Como a gente está aqui, temos que dar força para aquelas que estão na cidade, aprendendo e se informando. Temos que passar as coisas para as mulheres que estão na aldeia. Como os brancos, que têm embaixador.

Temos conquistado alguma melhoria no crescimento da participação das mulheres no movimento. Nós estamos lá, somos minoria, mas temos que ter presença forte. Aqui, a gente fica muito por fora. Quero que nós, que somos mães, avós, tenhamos a nossa responsabilidade fortalecida com o movimento das mulheres indígenas. Hoje a gente tem que aprender mais, fazer cursos. Eu defendo muito a nossa língua, a nossa história e o movimento tem que crescer, eu torço para todos os parentes. Temos que conquistar, eu penso assim. Eu quero que todo mundo viva bem.

Aqui dentro da aldeia, a gente participa das danças das mulheres, do trabalho conjunto. Eu participo, nunca fico de

“ Quero que nós, que somos mães, avós, tenhamos a nossa responsabilidade fortalecida com o movimento das mulheres indígenas. ”



fora. Aqui as mulheres fazem “esteirinha”, de espremer mandioca; tem algodão, a gente faz rede. Agora colar, anel, é muito difícil. Isso a gente não faz, quem faz o anel é o homem. O trabalho aqui é mais lavoura. As mulheres fazem a farinha, eu também faço. Desde de mocinha tem que aprender, porque quando casar você vai casar numa rede que você fez. Aqui é assim. O pessoal gosta muito do meu trabalho.



“Quero que a gente se una aos homens, para crescer mais na luta pela saúde, pela educação...”

Associação das Mulheres Bakairi

Na minha opinião, os homens sempre participaram mais das decisões. Sempre foram a maioria, mas eu vejo que hoje em dia está melhorando. Eles estão vendo que nós estamos ajudando eles. Quando a gente começou a fazer uma associação das mulheres, eles ficaram enciumados. Daí, a gente dizia que ia trazer algo melhor. O nome é Associação das Mulheres Indígenas Bakairi, mas ainda falta registrar. Nós começamos a participar das reuniões. Daí então eu fui a Cuiabá. Eu e minha irmã fundamos e tem que tomar a frente. Mas agora está meio parada. E tudo a gente tem que comunicar ao cacique.

Mensagem

Nunca desanimem do objetivo. Quero que a gente se una aos homens, para crescer mais na luta pela saúde, pela educação, pela nossa plantação, para que possamos deixar um exemplo para as nossas crianças, que são as nossas futuras gerações. Todas as coisas que a gente perdeu, a nossa terra, coisas da nossa cultura, espero que a gente consiga retomar, resgatar. As mulheres precisam ir à luta, senão ninguém vai ajudar a gente. Que todas tenham luz e tenham Deus!

Agripina Lopes

Agripina Lopes é guerreira do povo Guarani, nasceu na aldeia Porto Lindo, Mato Grosso do Sul (MS) em 22 de maio de 1971. Tem o segundo grau completo e é grande colaboradora de seu povo no combate à desnutrição, um dos maiores problemas dos índios do Mato Grosso do Sul, que perderam suas terras com a implantação das monoculturas e a criação de gado.

Jamais esquece a fome e as dificuldades que passou e tem sempre em mente a importância do trabalho das mulheres indígenas. Defende projetos de recuperação para os povos indígenas do Mato Grosso do Sul, onde o problema da desnutrição ganha destaque na mídia nacional e internacional.

Participa do Conselho Nacional de Mulheres Indígenas - CONAMI, onde busca conhecimento e colaboração para projetos com as mulheres indígenas das aldeias do Mato Grosso do Sul.



“A lembrança que tenho da aldeia é que tinha muito rio, água, mato, árvore, aves. Hoje, a gente não tem mais isso, porque o território é muito pequeno.”



Infância

A lembrança que tenho da aldeia é que tinha muito rio, água, mato, árvore, aves. Hoje, a gente não tem mais isso, porque o território é muito pequeno. Então tem que derrubar árvore, para fazer mais casas. Hoje, não tem mais pesca, caça. Antigamente tinha isso, não muito, mas tinha como sobreviver, tudo era mais fácil.

Quando eu tinha dois anos, eu perdi meu pai. Minha mãe foi que lutou pra nos criar. Daí eu cresci, sempre minha mãe tirava alimento da roça, eu ajudava minha mãe a ajudar cuidar dos meus irmãos. Tinha dia que eu acordava cedo e quando voltava da escola e não tinha nada para comer, nem um grão de arroz. Simplesmente eu lavava a louça e ficava com fome até o final do dia. As mulheres ainda passam por essa dificuldade e eu fico muito triste, porque vejo que ainda isso não mudou. Passei muita fome, porque eu não tinha pai, eu não ia roubar para me sustentar.

Religião

Sou católica e tenho bastante fé no pajé. Eu digo católica mas, na verdade, sou muito da religião, da cultura do meu povo, da minha reza. Todos os meus são batizadas na reza indígena. Minha mãe é rezadora.

Estudo

Saí da aldeia com 14 anos, para estudar, porque na época só tinha até a sexta série. Saí para terminar o segundo grau. Eu já morei fora, mas eu era dona-de-casa, era doméstica e também fazia artesanato em casa. Também morei em São Paulo, onde fiquei por 9 anos. Fiz curso, tudo o que sei aprendi lá. Aprendi tudo o que sei fora da aldeia.

Acho que deve ter mais estudo. As mulheres indígenas têm que estudar mais. Aqui na minha aldeia as mulheres não têm muito estudo. Tem gente que fala que a cultura das mulheres é ter ficar em casa, ficar com os filhos, cozinhar, trabalhar na lavoura. Mas se uma mulher indígena não tem lavoura para plantar, como que ela irá sustentar seus filhos? Tudo isso faz parte da cultura da mulher. Eu acho que as mulheres têm que ter parceria, tem que fazer reunião umas com as outras, visitar as aldeias, tentar resolver seus problemas em conjunto.



“As mulheres indígenas têm que estudar mais.”

Comunidade

Na aldeia, trabalhei três anos. No começo eu dei aula de corte e costura, depois a gente foi trabalhar na roça. Temos um projeto para fazer uma horta comunitária, para o qual estamos lutando. Temos um projeto de um centro, onde a gente vai trabalhar com as crianças desnutridas, de zero a cinco anos. Elas poderão pousar, ter café da manhã, almoço e janta, até ter o seu peso normal. É assim que a gente vai trabalhar. Vamos dar palestras para as mães adolescentes e gestantes.

Nós estamos tentando fazer isso em 24 aldeias, com as mulheres indígenas Guarani e Kaiowá. Primeiro vamos fazer isso aqui na minha aldeia. É bom incentivar as outras aldeias, para

tentar criar esse centro e poder trabalhar sempre em cima disso, para acabar com a desnutrição. Isso porque não é só aqui que tem crianças desnutridas, em Dourados também tem. Só que lá tem um centro e aqui também temos que ter. Aqui e em outras aldeias.

A gente tem que prevenir. A gente vê na imprensa, vê na tv e a imprensa joga a culpa em cima da mãe, pensa que a mãe é culpada. Não é verdade, porque as mulheres não indígenas têm um curso de capacitação para tudo e a gente não tem e ainda perdemos nossa terra para o plantio. A gente precisa do centro também porque, se uma adolescente engravida, nós temos que prepará-la para ter o neném, para quando o bebê nascer, a mãe saber cuidar do filho. Nós também temos esse direito. Se nós não sabemos é porque não tem quem nos capacite. Então vamos correr atrás das pessoas que sabem, trazer as mulheres indígenas que estão bem estudadas, para ensinar à comunidade.

O prefeito agora que deu essa casa, e a gente atende lá. Os agentes de saúde nos ajudaram muito, nós levamos esse projeto para a prefeitura e para trabalhar com os agentes de saúde. Primeiro, a gente consultou a Mirian, do CONAMI, ela visitou a nossa aldeia e viu a nossa realidade. Agora conseguimos ter essa casinha. Aqui, está dando certo.

Não estou na área de saúde da Funasa, mas atuo na pastoral e sou funcionária da prefeitura. Vi as dificuldades das pessoas e a pastoral me procurou me convidando para trabalhar com as mulheres. Aprendi a capacitar em curso de culinária, aproveitamento da hortalça, fazer sopa nutritiva e barata. Enfim, comecei a trabalhar e as mulheres vinham me procurar para dizer que estava dando certo.

Aqui na aldeia o que tem pra se divertir é a bola, se a gente quer fazer algum tipo de curso, falta material, tem falta professores pra ensinar. Se não tiver uma indígena, vamos trazer uma branca, para poder alfabetizar, ensinar nas comunidades. E eu vejo assim, aquelas pessoas que estão estudando, que estão dando aula, que estão trabalhando como agente de saúde, como enfermeira, tem que ajudar as outras. A maioria, aqui na comunidade, sofre. Aquelas com quatro ou cinco filhos, sem condições de dar um leite pro seu filho, sem ter como

"... não é só aqui que tem crianças desnutridas..."



ajudar o marido, elas precisam de um programa de recuperação. Não é como antigamente, quando as mulheres podiam trabalhar na roça e levavam seus filhos. Agora, elas não podem fazer isso, não podem ajudar seus maridos. Agora mudou, tem coisas ficando melhores e outras não, como o alcoolismo e a falta de creche. Então, eu acho que tem que haver mais estudo. Só assim, a cada ano, vai melhorar.

Movimento Indígena

Eu participo do Conselho Nacional das Mulheres Indígenas – CONAMI, que mudou muita coisa pra mim. Aprendi muita coisa. Eu estava muito desanimada, depois que eu fui à Conferência Nacional de mulheres Indígenas, em Brasília, eu aprendi muita coisa. Quando eu vim de lá, repassei para as mulheres o que aprendi. Vim com mais energia, isso é muito bom. Dar força para mulheres, que ficam mais preparadas para enfrentar as coisas difíceis.

A pessoa tem força pra lutar. Em relação às outras mulheres que não tem condições de criar seus filhos, isso acontece muito com todas que moram aqui na aldeia. Então, essa dificuldade também passei, por isso estou aqui na luta. A gente quer plantar, mas não tem terra pra isso. As mulheres sozinhas, que não tem marido, elas querem plantar. Essas mulheres passam muita dificuldade.

Mas no final do ano colocamos o trabalho que as mulheres fazem, para mostrar o esforço delas: a roupa, tapete, tudo que elas aprenderam na pastoral.

Mensagem

Eu quero falar para as mulheres indígenas não desanimar. Para isso tem que ter muita união. Temos que procurar mulheres interessadas em ajudar a sua comunidade. Não esperar muito do governo. Se não der para a mulher ir a uma reunião, que vá visitar as casas. E chamar mais mulheres, tem tantas mulheres que querem participar. Em cada reunião devemos colocar nossa dificuldade e tentar ajuda da outra, para não desanimar tão fácil.



“Agora mudou, tem coisas ficando melhores e outras não, como o alcoolismo e a falta de creche. Então, eu acho que tem que haver mais estudo.”

Laurita Félix

Laurita Félix, 60 anos, é guerreira Krenak e liderança respeitada em sua comunidade. Muito cedo, seguindo os seus pais, começou a trabalhar nas roças, em busca de sobrevivência.

Em suas andanças pelas cidades do interior e capitais como o Rio de Janeiro, sofreu muitas humilhações, por ser mulher e índia. Esse sofrimento a tornou uma mulher forte e capaz de se tornar uma liderança em sua comunidade.

Lamenta a perda das tradições, mas afirma que a mulher indígena é o alicerce de sua família e hoje tem mais chances de conquistar até um bom emprego.



Infância

Quando a gente era pequena, meu pai tirava a gente da aldeia e levava para as outras aldeias. Então, a gente ficou nos Maxakali, na aldeia de lá. A gente era pequeno, meu pai trabalhava, eu também lavava os pratos dos outros, trabalhava pra ganhar alguma coisa. Eu tinha 10 anos. Lavava vasilhas pra ganhar um prato de comida e ganhar um pouquinho de pão pra levar pra casa. Eles davam um litro de arroz, um pouco de açúcar. Eu lutei muito. Saímos dos Maxakali a pé, até Teófilo Otoni (MG). A gente ficava uma semana na beira da estrada. Aí eu ia trabalhar, pedia às donas-de-casa que moravam próximo pra lavar pratos, pra ganhar as coisas. Nós viemos, andando a pé, não sei quantos meses levou, mas a gente que é mulher, trabalha segura desde pequena. A gente foi embora porque o chefe de posto tocou a gente de lá. Nós viemos pra Valadares e de lá queríamos ir para nossa aldeia, mas os policiais não deixaram a gente ir. Então fomos para o Rio de Janeiro, lá, fiquei doente, por ser criança pequena e andar muito. Ficamos no Rio, a gente ficava trabalhando lá.

“Na minha aldeia, o primeiro chefe de posto não deixava os índios conversar na língua, nem trabalhar.”



Luta da mulher

A luta do índio acontece por causa do homem branco, que não deixou os índios conversarem no idioma. Às vezes, a gente conseguia ensinar o idioma para as crianças. Na minha aldeia, o primeiro chefe de posto não deixava os índios conversar na língua, nem trabalhar. Tratava a gente muito mal. Nós plantávamos muito e ele tomava. Então, eu mesma trabalhei muito na roça, com todo o sacrifício. Eles não deixavam, mas a gente tinha que plantar, colher, arrumar os remédios. Nessa época não tinha remédio, eu ia arrumar remédio no mato pra dar para os meus filhos. Então, a gente que é mulher, trabalha demais e segura. Já sofri muito.

A gente conta todos os casos que a gente passou, o trabalho e mostra a força que a gente tem. Então a gente continua. Eu sei que a gente quer ajuda para andar seguro. Na nossa vida de mulher, todas trabalham. Tanto branca como índia, pra levar a vida em frente.



“Todas as mulheres indígenas têm força, quando elas querem ser fortes, elas são fortes, pois é da natureza delas.”

Mulher

A mulher hoje mudou, porque ela trabalha, tem um emprego, um bom salário. De primeiro, as mulheres trabalhavam, mas a vida não era muito segura. Agora tem uma diferença. Hoje tem estudo, as mulheres, de primeiro, sofriam mais. Hoje, sabem ler, sabem trabalhar, mas de primeiro não tinha isso.

A gente era mais sabido que os outros e tinha força. Todas as mulheres indígenas têm força, quando elas querem ser fortes, elas são fortes, pois é da natureza delas. Ela bate o pé, fala que vai fazer e faz. Todas as mulheres indígenas são assim, fortes. Eu penso assim, que a mulher indígena nunca deve deixar de ser forte.

Companheiro

Eu e meu marido, a gente pensa também igual, forte, quanto mais forte formos, melhor será para os parentes e para os maridos. A luta é igual, é junto, o homem fica junto.

Importância da terra

Acho que o maior sofrimento que passei foi em busca de terra para viver, andando de uma aldeia para outra, desde criança. A falta de terra foi o maior sofrimento do meu povo, Krenak. A mulher sempre quer ter a terra, um lugar para criar as famílias, tudo certo, na aldeia. A gente vai tendo filhos e eles precisam mais ainda da terra para viver.

Religião

Aqui tem muitos indígenas que são evangélicos, tem mais crente do que católico. Mas eu conservo a minha religião, junto com os meus filhos. A religião tradicional. Sei cantar.

Costumes

As índias ganhavam menino em casa. Eu mesma ganhei seis em casa. Porque a gente tem uma erva, que, quando está passando mal, a gente cozinha, põe numa bacia, aquelas folhas de ervas e lava da cintura pra baixo. Ai, dá aquelas dores fortes e a mulher ganha o neném na hora, mas de cócoras. Depois que eu ganhava, a minha mãe cortava o umbigo, media, amarrava com uma cordinha e depois colocava um garfo quente no umbigo pra não fazer mal.

Agora é tudo na cidade, só na minha época que ganhava em casa, as ervas também a mesma coisa, mas hoje em dia meu povo não gosta mais de tomar esse chá de ervas, tomam os remédios de branco mesmo. Agora eu sempre uso o meu. Eu ensino para minhas filhas.

Mensagem

A mulher indígena tem que ser forte e alegre, sempre trabalhando, pedindo a Deus para sempre ser forte.

“...o maior sofrimento que passei foi em busca de terra para viver, andando de uma aldeia para outra, desde de criança. ”





Silsa Vieira

Silsa Vieira, 58 anos, é guerreira do povo indígena Terena. Nasceu e se criou na aldeia Moreira, no Mato Grosso do Sul, no município de Miranda.

Fundou a Associação Terena das Mulheres Indígenas – ATEMI, e luta para ser reconhecida como cacique, pois acha que as mulheres devem ter esta chance de mostrar a sua capacidade de organização e liderança.

Em sua aldeia, segue na luta contra a discriminação das mulheres e na busca de apoio para informar melhor os jovens de sua aldeia.



“Nossa mãe criou a gente só com as coisas da terra. Agora, casamos e não conseguimos mais dar o mesmo para os nossos filhos.”



Infância na aldeia

Nasci e cresci aqui na aldeia Moreira. Tenho na lembrança que tudo era mato. A realidade é que a aldeia é muito pequena. Agora, a população cresceu. Quando eu era criança, tínhamos ainda um quintal para plantar mandioca, batata, feijão. Então a gente plantava para a nossa sobrevivência, mas agora não temos mais isso. Esse é o passado que me recordo. Nos tínhamos alternativa para sobreviver, para criar nossos filhos. Nossa mãe criou a gente só com as coisas da terra. Agora, casamos e não conseguimos mais dar o mesmo para os nossos filhos. O número de pessoas aumentou, são muitas famílias e não há mais espaço para todas plantarem.

A aldeia Moreira começou como a família Pereira, que é da minha avó. Aqui nessa aldeia são quase todos parentes. Poucas pessoas vieram de fora. Alguns são lá de Bananal. Então, todos são tios, tias, primas. Para nós, ainda é um lugar muito sossegado.

A preocupação agora é com as crianças, que não têm mais como plantar. Essa é a nossa preocupação. Os homens não têm como plantar para a sua sobrevivência. A maioria é



tudo profissional de pedreiro, porque na cidade precisa para a construção de casa.

Com doze anos, eu saí da casa dos meus pais, para trabalhar como doméstica na cidade. Fiz até a quarta série primária, parei e nunca mais entrei numa sala de aula. Fui trabalhar para ajudar a criar os meus irmãos, para ajudar o meu pai.

Casamento

Com dezessete anos me casei e não deu certo. Meu casamento durou um mês e vinte dias. Ao todo, tive quatro filhos. Minha filha mais velha faleceu com 31 anos. Agora tenho duas meninas e um rapaz. Então, eu sofri quando tive a outra filha, porque já estava trabalhando e minha mãe cuidava da primeira filha.

Eu conheci o meu marido pelo meu irmão, que o trouxe para conhecer a aldeia, depois que eles deram baixa do quartel em Campo Grande. Ele ficou uns tempos aqui em casa e foi com ele que eu tive a menina que faleceu. Conheci outro rapaz e tive os outros filhos. Depois me separei e nunca mais me casei de novo. Não quero mais casar. Nessa época, os meus trabalhos sempre foram na cidade mesmo, não tinha como fazer outra coisa, trabalhei como doméstica.



“Até que chegou um governador e demarcou a nossa aldeia e veio a oportunidade de melhorarmos.”

Associação Terena das Mulheres Indígenas -ATEMI

A preocupação da gente é que nunca achávamos um meio para ajudar nas despesas em casa. Quem não tinha emprego ia trabalhar no canavial. Até que chegou um governador e demarcou a nossa aldeia e veio a oportunidade de melhorarmos. Um servidor da Funai veio e perguntou se eu não queria organizar as mulheres. Ele explicou que o governador teria um espaço para as mulheres indígenas. Depressa, eu reuni as mulheres. Fizemos uma grande reunião, para saber no que elas queriam trabalhar, para gerar renda e ajudar na manutenção da casa, ajudar o marido. Decidimos pelo corte e costura. Pedimos máquina pra costurar e fazer camiseta.





"Eu acreditei na Associação e quando você acredita, consegue."

Demorou três anos para chegar a máquina.

Eu sempre fiz documentos para conseguir o apoio, para as máquinas chegarem logo. Como demorou, as mulheres foram se desanimando. Depois, quando as máquinas chegaram, elas se animaram. Vieram cinco máquinas e depois mais duas.

Agora ficaram só umas cinco ou seis trabalhando. A Associação parou. O nome da associação é ATEMI - Associação Terena das Mulheres Indígenas. Essa associação fica na aldeia, no centro comunitário. Quando entrou a segunda vice-presidente, eu estava correndo atrás de um galpão para ficar definitivamente. Se uma pessoa não ficar sempre insistindo a Associação não sobrevive.

Eu acreditei na Associação, e quando você acredita, consegue. O problema é que muitas acham que você pede em um dia e amanhã já tem a resposta, mas não é assim. Eu cansava de explicar isso para elas, falava que a gente tem que ter paciência e acreditar.

Então, quando chegaram as máquinas, eu agradei aquelas que estavam comigo e também aquelas que vieram quando eu levantei a associação, com todos os documentos - registro, CNPJ. Eram 29 mulheres registradas. Hoje são mais ou menos 53, que trabalham junto com a gente.

No momento, estamos um pouco afastadas. Os maridos também não apoiam, porque não ganham nada. Mas no começo a gente não ganha nada mesmo, porque está começando. É uma dificuldade grande, mas eu entendo essas mulheres que têm marido, porque elas têm que ficar em casa. Eu não tenho e ninguém me impede. Agora quando se tem marido é diferente. Elas têm vontade, mas fica difícil de largar a casa, os filhos, para um negócio que está começando e ainda não dá renda.

Eu sempre fico orientando, porque na Associação tem pano para pintar, tem tricô, qualquer coisa que souberem fazer, podemos passar para outras que não souberem fazer. Era isso que eu fazia na Associação.

Olha, eu encontrei tanta dificuldade. Eu ia na cidade, levava as camisetas para vender nas lojas e encontrava pouca aceitação. Quando voltava e explicava que tinha que ser mais bem feita, as mulheres não gostavam, aí algumas foram desistindo.

Foi quando eu fiquei doente. Mas veio uma mulher que dava curso para poder manusear a máquina e a comercialização. Só que ela parou na parte onde a gente mais precisava aprender, sobre o lucro. Nessa parte, a gente precisou de uma pessoa para ajudar a comercializar. Mas fiquei doente, passei para minha cunhada. E depois as mulheres não quiseram que eu voltasse.

Discriminação

Fizemos um projeto para um galpão para as mulheres trabalharem e, quando tivemos o dinheiro, um cacique usou uma parte para a obra e o restante ficou com ele. Eu pensei tinha que haver um jeito de resolver. Todos confiavam nele, mas eu não confiava mais. Consegui um abaixo assinado, que ele leu, jogou no chão e falou que aquilo não valia nada. Eu senti isso como uma discriminação com as mulheres.

Começamos a fazer reuniões e conseguimos tirar o cacique. Eles viram a luta da mulher. Foi nessa hora que eu comecei a dizer que havia espaço para as mulheres indígenas no governo, aí a gente começou a falar das nossas necessidades. Foi como começou o movimento das mulheres.

No começo, as mulheres reconheceram muito o meu trabalho. Avisei que eram dois anos de mandato e que alguém ia ter que entrar no meu lugar. Avisei para se prepararem e elas falavam que, se dependesse delas, eu nunca iria sair da Associação. Foi quando eu comecei a correr atrás de apoio, porque ninguém escutava as mulheres. Fui à Funai de Campo Grande e falei com o delegado, para poder ajudar a gente. Ele tratou a gente bem e ele marcou de ir na aldeia. Chamei o cacique e avisei que as mulheres queriam falar sobre os seus problemas. Na ocasião, algumas falaram sério, mas outras começaram a xingar, a ofender, sem nenhuma educação, e me agrediram, me chutaram.

Depois, eu descobri que foi tudo combinado com o delegado da Funai, para impedir o movimento das mulheres. Eu fiquei muito triste, foi quando meu filho ficou sabendo, ele pediu para que eu largasse essa Associação. Meu filho ficou muito bravo e pediu para eu sair, porque eu estava envolvendo

“Teve uma vez que eu falei que tinha que colocar uma mulher como cacique.”





“Deveria haver palestras e campanhas junto aos jovens que estão sendo pais e mães muito cedo.”

a minha família, e resolvi sair. Mas ainda estou como presidente da Associação e, depois de tudo que eu passei, ainda quero continuar e eu tenho vontade de ajudar.

Hoje eu tenho vontade de entrar como cacique, tem algumas mulheres que estão me incentivando, porque é só homem cacique. Não vou dizer que tenho o apoio de todo mundo. Teve uma vez que eu falei que tinha que colocar uma mulher como cacique. Estou pronta pra colocar a organização. Acho as mulheres mais organizadas. Eu quero ser cacique.

Luta

Aqui na minha aldeia acho que seria bom ensinar mais as mulheres. Deveria haver palestras e campanhas junto aos jovens que estão sendo pais e mães muito cedo. Acho que precisamos informar melhor a população. Todos deviam se unir – cacique, pastor da igreja e associação das mulheres, e mostrar para os jovens o perigo da bebida alcoólica, da prostituição, das drogas, de ser pai e mãe muito cedo. Mas parece que o pessoal na Funai não se importa com isso, porque eu já corri atrás disso, pra tentar fazer esse trabalho de esclarecimento, e não consigo apoio.

Mensagem

Quero dizer que não devemos olhar para o defeito das outras. Não olhar para as falhas, porque elas são passageiras. Devemos buscar aquilo que queremos alcançar para o futuro de nossos filhos, para quando a gente não existir e eles lembrarem o que foi feito pelas avós, mães e desejarem continuar o nosso trabalho. Essa é a visão. Dá força para os nossos filhos, nossos netos. Que as mulheres não desanimem. Eu penso que, se eu não fizer algo, eles vão sofrer muito mais amanhã. Ficar parado, de braço cruzado, não ajuda. Temos tudo pra nos levantar e fazer um trabalho bonito, para acabar esse preconceito com as mulheres indígenas e mostrar que a nossa capacidade.

Maria Helena Azomezohero

Maria Helena Azomezohero, 47 anos, é guerreira Paresi e liderança na aldeia Rio Verde, no município de Tangará da Serra, Mato Grosso. Foi casada por cinco anos, teve três filhos e separou-se porque sempre quis se independente.

Depois de perder seus pais, estudou em internato de freiras e hoje é uma das poucas mulheres indígenas que é chefe de Posto Indígena da Fundação Nacional do Índio.

Sua luta pelos direitos indígenas foi marcada pelo retorno à sua aldeia, aos 14 anos. Lá, foi buscar seus parentes e descobriu que o seu irmão era o cacique geral da aldeia Rio Verde. Daí, nunca mais abandonou a luta.



“Meus parentes não sabiam quem eu era. Eu não sabia quem era a minha família. Foi emocionante!”



Infância

Nasci em 1958 e perdi meus pais muito cedo, era bem criança. Quando eu estava com seis ou sete anos, a minha irmã mais velha me entregou para as freiras. A partir de 1960, fui criada no colégio interno. Em 1972, voltei para a aldeia Rio Verde, como professora e atendente de enfermagem. Tinha feito um curso junto com as freiras, em Diamantina, no hospital João Batista. Comecei a dar aula e também a aprender de novo o meu idioma.

Tive a curiosidade pelo conhecimento tradicional do meu povo. Meus parentes não sabiam quem eu era. Eu não sabia quem era a minha família. Foi emocionante! Não conhecia meus tios, não sabia que tinha irmão, irmã, não sabia de nada disso.

Quando eu estava no internato, comecei a ter a curiosidade e pensar porque eu estava ali, se tinha parente... Depois, quando eu voltei para aldeia, eu conheci minha tia e descobri também que o meu irmão o cacique geral da aldeia.

Movimento indígena



“No entendimento das lideranças Paresi, a palavra da mulher é sagrada.”

A minha luta iniciou quando eu tinha meus 14 anos. Comecei a fazer visitas nas casas, pegava carona com os caminhões. Eu ia atender nos lugares, onde havia aldeia Paresi. Eu não os conhecia e eles não sabiam quem eu era. Sempre falavam em português comigo. E logo eu fiquei na ansiedade de eles falarem comigo no idioma. Um dia, eu pedi para que eles falassem no idioma comigo e contei que eu era índia Paresi, tinha nascido ali e ninguém acreditava, eles achavam que eu era índia boliviana.

Aqui em Rio Verde não tinha estrada, tinham poucas casas. O meu povo era formado por 360 índios na região. Começamos a tirar os fazendeiros de dentro desse território nosso. Em 1982, mais ou menos, começamos com uma organização.

A gente começou a fazer reunião e desenvolver um trabalho criamos uma associação para as mulheres da região.

Então, eu comecei a lutar por iniciativa somente minha. Acho que a gente já nasce com o dom de caminhar pelo próprio interesse. A gente vem com interesse de dar continuidade à luta como mulher. No entendimento das lideranças Paresi, a palavra da mulher é sagrada.

Comecei a ir a todos os encontros para os quais era convidada. Um dos mais importantes foi o das mulheres Terena, quando, em 1995, criamos o CONAMI, do qual continuo participando. A gente sempre tenta criar um conselho local, mas como a gente é ligada direto no CONAMI, o que a gente faz é através do Conselho, que apóia o movimento aqui.

Trabalhamos também sempre junto com os homens, que são lideranças, para ver se a gente consegue alcançar um objetivo. Hoje queremos apoiar o início do trabalho dentro da nossa própria terra, com lavoura mecanizada. Esse trabalho teve a participação das mulheres e, depois dele, me incentivaram pra ser chefe de posto.

Chefe de posto

A função de chefe de posto é direcionada para conscientizar a sociedade indígena, e apoiá-la, incentivando a agir certo. Temos que cuidar, por exemplo, dos perigos de invasão de terra e tomar as providências necessárias para proibir outras coisas, irregularidades como extração de cascalho dentro da terra indígena, assinatura documentos e acordos que possam trazer prejuízo para os índios. Chefe de posto não pode assinar nada a não ser a liderança. O chefe de posto pode orientar o acordo de lideranças e fazendeiro, para que não haja prejuízo para a comunidade.

Hoje, essa é a luta que eu desempenho. De uma mulher chefe de posto. Como mulher Paresi, me orgulho de fazer esse trabalho, junto com os homens da sociedade indígena, mostrando a luta e o melhor caminho para as comunidades.

Agora minha filha está lá em Tangará da Serra e não sei o que está acontecendo com ela. Fico preocupada, mas é o meu desempenho. Eu tenho orgulho dessa minha luta como mulher, como líder. Então, vou morrer defendendo a questão do meu povo. É a minha luta desde a minha infância.

No meu registro está Diamantina, mas eu não me conformo com isso. Alguns falam que eu nasci na aldeia Tanaquá, que é a aldeia que o meu irmão começou a reativar. Ela fica perto da aldeia Rio Verde.

Estudo

Na época falavam normal, que é o segundo grau, que formava para professora. Mas não cheguei a terminar porque, em 1971, um padre ordenou que os indígenas tinham que voltar para as suas aldeias e buscar sua origem.

Resgate da família

Foi a minha curiosidade particular de sentar ao lado de um ancião e começar a perguntar se conheceu meu pai, minha mãe, meu avô, minha avó, que me levou aos meus familiares.



“Eu tenho orgulho dessa minha luta como mulher, como líder. Então, vou morrer defendendo a questão do meu povo.”



Fui descobrindo quem eram os meus parentes até chegar nos parentes próximos. Hoje, meu parente legítimo mesmo é um tio, que tem 110 anos. Nas minhas férias eu quero ir lá, e ele sempre me cobra. A primeira pessoa que me ajudou a achar minha família foi Mariquinha, que hoje ela não existe mais. Era índia Paresi e tia da minha mãe. Fui conversar com ela sem saber que ela era minha tia.

Casamento

Eu tive que me separar, porque o casamento não era o que eu queria. Eu desejava ser independente. O meu marido não me apoiava, queria me impedir de trabalhar na área da saúde, ele também é índio Paresi.



“Hoje, meu parente legítimo mesmo é um tio, que tem 110 anos.”

Preocupação

Quando fui buscar e resgatar o meu povo, o que mais me preocupou foi pensar no que deve se passar com outras etnias que estão perdendo a sua cultura, o seu idioma, se envolvendo com drogas. Isso me preocupou e ainda me preocupa. A gente começou a conversar com as pessoas e foi aprendendo um jeito para falar. Eu comecei a aprender o idioma, dei aula na aldeia no idioma. Fui a primeira professora indígena. Eu encarei tudo. Porque você vai até onde você quer. Agora, se você não tiver interesse, não dá certo mesmo.

Dificuldade

A maior dificuldade que eu tive foi a de encontrar as pessoas certas pra ter apoio, pra ter respaldo. Como chefe de posto, passo também as mesmas dificuldades. Tenho que ver um trabalho que alcance o anseio da comunidade, que é a base. Hoje eu tenho minha ligação direta com as bases. E é ali que a gente vê a realidade.

No meu posto, você chega e, de longe, acha que é uma vila. Entra mais para dentro, se depara com a nossa aldeia com casas originais, que são as ocas, onde as pessoas só falam o idioma, a alimentação já é costume diferente. Você volta pra

cidade e encontra o índio no costume diferente. São realidades diferentes. A minha comunidade de base não tem uma visão mais ampla de conhecimento do que não é índio. Mas tem índios que sabem. Aqui em Tangará, tem o administrador Paresi, e temos um índio que é coordenador da saúde, eu como chefe de posto. Nós já temos uma visão diferente, temos o conhecimento da realidade do branco e do índio.

Apoio

Eu tive apoio. Algumas mulheres falavam que não tive mãe nem pai e que isso seria muito difícil para mim. Mas para os Paresi não existe aquele que não tem pai, não tem um teto para viver. Ele é sempre bem vindo. Não tem aquele preconceito porque aquela pessoa não tem pai, não tem mãe. Ela vem e tem apoio. Então acho que com minha humildade eu comecei a conseguir tudo.

Todas as lideranças Paresi me consideram. Eles me respeitam e sabem que eu tenho o conhecimento da sociedade indígena. Tivemos uma grande reunião e me elegeram como uma líder. Depois, quando eu voltei pra aldeia e comecei a trabalhar na saúde, sempre eu tive apoio, e passei a ser chefe de posto. Eles têm confiança em mim e eu neles. Desde quando eu cheguei sempre tive apoio.

Mensagem

Nosso futuro é dos nossos jovens. Então, espero que as mulheres jovens ergam a cabeça e olhem pra frente. Olhem para a sua cultura, considere a sua cultura. A mulher não tem que ter vergonha de falar o seu idioma, porque nossa cultura, nossa religião, nosso idioma é a nossa identidade, isso é uma peça fundamental tanto para o índio homem quanto para a mulher. O que eu quero deixar bem claro é pra elas não esquecerem da sua cultura, mesmo com as mudanças acontecendo, lembrar que dentro dela é índia e lutar sempre também. Nossa luta tem que continuar.

“Mas para os Paresi não existe aquele que não tem pai, não tem um teto para viver. Ele é sempre bem-vindo.”





Madalena Gomes Marcos

Madalena Gomes Marcos é guerreira Terena, nasceu na aldeia Bananal e teve uma infância tranqüila e com muita fartura. Com a chegada maciça de colonos que ocuparam o Mato Grosso do Sul, a vida dos Terena, como a dos outros povos do estado, os Guarani, Kadiwéu, Guató e Kaiowá, tornou-se bem mais difícil.

Madalena deixou a aldeia para trabalhar em casa de família e ajudar a sua mãe. Casou-se e teve seis filhos. Hoje, participa do movimento indígena e acredita na importância de lutar pelo direitos indígenas e contribuir para a melhoria de vida de seu povo.

"Tive uma infância muito boa. As crianças brincavam todas juntas, caçavam, subiam em árvores juntas, meninos e meninas."



Infância

Não era como nos dias de hoje. Tive uma infância muito boa. As crianças brincavam todas juntas, caçavam, subiam em árvores juntas, meninos e meninas. Não havia malícia. Meu pai trabalhava na fazenda, éramos unidos. Não sabia como era passar o que se passa hoje. Tinha muita fartura, melancia, mamão, carne de sol... Quando não tinha mais carne de caça, matava-se vaca. Tudo isso ficava na aldeia de Ipegue e Bananal. Tinha uma relação de paz. Ninguém brigava na época. Não havia muita divisão. Tenho apenas lembranças boas, a paz que tinha na aldeia, eram apenas comadre, compadre. Todos eram unidos.

Estudo

Não havia estudo para as mulheres indígenas. As meninas não podiam estudar e não podiam sair de casa. Era tudo muito cuidado pelos pais. Na aldeia não podia assobiar, rir alto... Por causa disso, fiz só o primário, pois era muito proibido. Todas

tinham que falar baixinho em sinal de respeito.

Casamento

Na minha adolescência, nunca tive dificuldade, não era como hoje. Era tudo tranquilo. Me casei com 16 anos e fui para a cidade, trabalhava, ajudava a família. Tive seis filhos e dois eu criei.

Movimento das mulheres indígenas

Foi importante participar pela primeira vez de reunião com as mulheres. Uma novidade, uma experiência nova, pois as mulheres no meu tempo não podiam falar nas reuniões, somente os homens. Então, hoje, a mulher está avançando.

Eu sempre respeitei, principalmente as lideranças indígenas. Até agora não tive problemas com as mulheres. Se essa luta for forte, temos que respeitar. Acho que ninguém deve desconfiar da nossa luta.

Hoje participo de reuniões, encontros e seminários, porque acredito que é muito importante.

Saúde

A Associação Terena das aldeias Bananal e Lagoinha pediu uma enfermaria dentro da aldeia. Conseguimos para o Bananal. Há dificuldade na área da saúde, que não tem carro, não tem remédio. Nos encontros, as mulheres sempre pedem melhoria para a saúde e a educação e sempre ouvimos que falta recurso.

Apoio masculino

Hoje eles apóiam. Temos que explicar melhor. Tem gente que não entende o que é associação, o que é união de forças. Quando o cacique não puder ajudar, a mulher vai ajudar. Tem que fazer parceria com o governo. Temos que ter muitos aliados brancos.



“... uma experiência nova, pois as mulheres no meu tempo não podiam falar nas reuniões...”



Trabalho

Sempre trabalhei de empregada doméstica. Minha mãe teve que vender o gado que tínhamos e meus tios nos ajudavam bastante, dando o leite. Não tínhamos quase nada, foi aí que comecei a trabalhar em casa de família rica, fora da aldeia, no município de Aquidauana(MS) e em cidade maior, como Campo Grande (MS).

Dificuldades

Desde menina, minha avó por parte de mãe, me orientava. Sempre tudo na base da simpatia, cortar cabelo na lua cheia, modo de varrer, a maneira de estender a roupa... No meu povo Terena, tudo tem uma simpatia e acredito. Acho que por isso não passei muita dificuldade. A simpatia é um conhecimento tradicional, que passa de geração em geração. Isso acontece com o meu povo Terena. Por exemplo, não deixar as crianças brincarem antes do por do sol, pedir ajuda e orientação à lua, também são nossas crenças.



"Todas as mulheres têm que ficar na luta, têm que mostrar o trabalho, explicar o que está acontecendo..."

Luta das mulheres indígenas

Acho que a mulher está com moral, tem que andar direito, mas se cair levanta. Ela está se tomando cada vez mais forte. Todas as mulheres têm que ficar na luta, têm que mostrar o trabalho, explicar o que está acontecendo, porque tem gente que não sabe o que é uma associação e quais as suas vantagens para a organização do povo indígena.

Religião

Respeito também. Sou evangélica, como a maioria dos Terena. Acredito que tem uma pessoa olhando para nós, nossos patrícios e temos que respeitar. Temos também que respeitar os brancos, porque eles nos ajudam. Sempre disse e ensino aos meus filhos que o respeito às pessoas é muito importante.

Mensagem

Tem uma mensagem que diz: tem que respeitar aquilo e aqueles que nos ajuda.

Jandira Venice

A Cacique Jandira Augusto Venice tem 71 anos, é Guarani da aldeia Guapiú, de onde saiu com o pai para Itaoca, em Itanhaem, em São Paulo. Depois morou na aldeia Rio Branco, onde se criou até os 12 anos. Hoje é cacique da aldeia Pico do Jaraguá, que fundou há cerca de 50 anos, com o marido, de quem hoje é viúva.

Há 16 anos foi escolhida para ser a cacique de sua aldeia, sendo indicada até pelos homens da sua aldeia.

Apesar de não saber ler nem escrever, já conseguiu melhorias para seu povo: construção de casas, atendimento da saúde e escola. Luta por melhoria para as aldeias Guarani de São Paulo, situadas em Ubatuba, Rio Silveira, Guapiú, Itaoca e Itanhaem.

Acredita que a mulher, por ter mais paciência, amor e carinho é melhor para administrar a comunidade.

Há três anos integra o movimento das mulheres, participando de reuniões das mulheres indígenas Terena e Guarani, em Bauru.



Infância

Foi muito bom na minha aldeia. Até os 12 anos eu estive na aldeia Rio Branco, onde me criei.

Hoje as meninas indígenas são modernas. Querem ser mais brancas do que índias. Antigamente, não. Essa mudança é porque elas querem estudar. Naquele tempo, a gente não tinha estudo. Tinha a inteligência da gente que guardávamos no coração e na cabeça. Agora não, tem o estudo.

Mas temos que dar conselho, contar a história. Os mais velhos falam como foi que viveram, como andaram no mato.

Visão de luta

Minha visão de luta mudou depois que o meu marido morreu. Aí eu comecei a ficar no lugar dele, que era o cacique geral. Ele era estudado, foi criado na cidade. Morreu há





“Nunca trabalhei fora da aldeia, sempre fiz artesanato.”

dezesseis anos. Ele morreu de velhice. Já tinha 99 anos.

Foi muito difícil. Eu fiquei com oito filhos, mas todos já bem grandinhos. É difícil viver sem ele. Perdi um amigo, um marido, foi muito difícil enfrentar. Muitas índias, quando perdem o marido ou eles saem de casa, elas deixam tudo, deixam até os filhos. Graças a Deus, eu fiquei firme aqui, nesse lugar que eu estou até hoje.

Nunca trabalhei fora da aldeia, sempre fiz artesanato. Também não estudei. Não tenho estudo, não tenho leitura, não sei escrever nada, só sei falar.

Como cacique, consegui a construção de casas, escola, melhoria na saúde. Vem um ônibus, agora tem uma farmacinha aqui. Tem dentista. Minha neta, minha sobrinha e meu filho dão aula.

Liderança

Eles me escolheram, porque eu era a única mulher mais velha. Não tinha ninguém, nenhum homem mais velho do que eu. Depois que o meu marido faleceu é que vieram os meus parentes. Antes da minha família chegar, era só eu e os meus filhos. Todo mundo me respeitava, todo mundo me aceitou como cacique, até a Funai. As mulheres também me escolheram. Minha família só chegou há quatro anos, só depois que o meu marido faleceu.

Primeiramente, eu morava na cidade Dutra, lá perto da praia, no chamado Cartelinho. Lá nós moramos 11 anos e lá meus parentes não me davam sossego. Vinham bêbados, brigavam. Houve o caso de uma criança doente que socorri e que morreu. Minha vida desmoronou. Tornou-se um inferno. Os pais da criança que morreu e meus próprios parentes queriam nos matar, queriam nos bater nos acusaram no jornal. Aí, o professor Fausto foi lá e falou que havia uma reserva e nos levou para esse local e vai fazer cinquenta anos que eu moro aqui.

Mulheres indígenas

Acho que melhorou bastante para a mulher indígena. Antigamente, elas não falavam o português, era difícil de se

entender. Agora não, a gente fala, conversa. Elas têm mais pensamento. A gente vai com paciência, amor carinho... Os homens são mais racionais.

Há três anos participo das reuniões em Bauru (SP). Lá tem uma aldeia Terena e as mulheres fazem reunião para conversar. Nós discutimos sobre nossas necessidades e como encaminhar os pedidos para o governador e melhorar a vida da gente. Principalmente, pedimos mais saúde e educação.

Vivemos da venda de artesanato. Do governo foram só cinco casinhas, escola, merenda. Nós estamos vivendo com recursos próprios.

As mulheres lutam porque querem enfrentar, trabalhar, ter independência, liderar, correr atrás das coisas. O homem Guarani não dá valor às mulheres. Mas eu falo: a mulher tem que ser igual ao homem. Tem que lutar como o homem também. Sempre estou lutando pra ver se melhoramos cada vez mais aqui.

“As mulheres lutam porque querem enfrentar, trabalhar, ter independência, liderar, correr atrás das coisas.”





Dejanira Jovelina

Dejanira Jovelina é cacique do povo Indígena Atikum, na Bahia. Nasceu no interior de Pernambuco, em Carnaubeira da Penha, de onde saiu aos doze anos para trabalhar na roça e nas casas de família dos brancos, até vir para Brasília.

Defensora da luta da mulher indígena pelos seus direitos, acredita que o ideal é estar sempre ao lado dos homens, para garantir as conquistas de políticas públicas e reconquista de território, para aqueles indígenas que perderam suas terras originais, como ocorreu com os povos do Nordeste.

Após muita luta, depois de se tornar cacique, Dejanira reuniu 54 famílias e conseguiu a regularização da aldeia Atikum, na Bahia.

A cacique Dejanira acredita que o melhor é viver dentro do mato, apesar de reconhecer que, hoje, os índios estão interagindo cada vez mais com os não-índios.

“Eu acho que estudando dá para eu me fortalecer ainda mais.”



Estudo

Tenho a 1ª e 2ª séries. Mas fui estudar depois de grande. Quero continuar a estudar na aldeia. Eu acho que estudando dá para eu me fortalecer ainda mais. Eu quero ser uma juíza, para poder ajudar minha comunidade.

Sobrevivência

Quando éramos crianças, a gente não saía. A gente foi crescendo e os brancos foram nos levando pra trabalhar com eles, porque lá era muito seco, não existia água. A gente ficava cavando os buraquinhos do chão pra encontrar água, pra fazer comida, lavar o prato pra gente comer. Quando a gente foi crescendo, nos levaram para trabalhar fora, pois a gente não tinha muito dinheiro. A gente acostudou ir saindo, para trabalhar fora. Trabalhava um mês, depois voltava pra aldeia.

Comecei a trabalhar com sete anos, na plantação de cebola, trançando, plantando tomate, melancia, melão, feijão de corda, tudo fora da aldeia, na beira do rio São Francisco. Fui trabalhando e achando bom, fui crescendo e ficando por minha própria conta. Fui numa cidadezinha, Vermelhos, em Pernambuco e comecei a trabalhar de verdade. Aí as coisas começaram a melhorar. Eu já tinha 18 anos e, quando eu recebia um troco, todo mês eu mandava pra aldeia.

Saí da aldeia aos 12 anos; eu fiquei com 17 anos. Aí acostumei a trabalhar, ganhar dinheiro. Sempre continuei trabalhando fora. Ficava dois meses na aldeia, mas quando acabava o dinheiro eu voltava a trabalhar. Aí passei dois anos desempregada, por causa de uma alergia com os venenos. Tive que me afastar da lavoura e fui me tratar na aldeia.

Depois voltei pra beira do rio e fui montar uma roça pra mim, plantar feijão, milho, melancia. Colhia os frutos e levava pra aldeia. Como percebi que estava perdendo o costume, deixei o trabalho e voltei para a aldeia. Voltei a trabalhar na roça, fora da aldeia, mas sempre voltava quando terminava a safra. Sempre voltava de novo para roça, na beira do rio. Quando terminei uma safra, comecei a namorar um rapaz da aldeia e me casei com 23 anos. A gente ficou morando na beira do rio, aí não quis mais voltar.

Mulheres indígenas

Os homens estão muito fracos. Aí, as mulheres têm que investir. Não podemos viver embaixo da sola dos pés dos homens, eles fazendo o que querem, quando nós temos a capacidade de resolver alguma coisa sem a ajuda do homem. Então, vamos ficar iguais e resolver as coisas por igual.

Hoje, não é certo o homem querer ser mais que a mulher ou ela querer ser mais que ele. Tem que ser igual. Não adianta a gente querer ser mais que o homem, porque a gente não pode, nem o homem deve pisar na mulher. A mulher tem que ter capacidade de enfrentar a luta e saber resolver.

Nós não somos mais aquelas pessoas que viviam no meio do mato, que não enxergavam o que era a luta. Hoje em dia, já estamos sabendo que não podemos viver só no meio do

“Como percebi que estava perdendo o costume, deixei o trabalho e voltei para aldeia.”



mato, sem poder sair. Agora, a gente já pode ir numa feira, na rua, na cidade e também podemos ficar no mato. A vida do índio é boa demais, porque a gente fica no mato, fica à vontade. A gente fica do jeito que quer, porque a nossa vida é muito maravilhosa.

Hoje não está tão bom como era. Melhor mesmo era quando a gente vivia lá no meio do mato, agora alguma coisa melhorou, outras não. A gente tem que conseguir o ritmo de lá, do nosso lado indígena.

Saúde



“Hoje, não é certo o homem querer ser mais que a mulher ou ela querer ser mais que ele. Tem que ser igual.”

A saúde indígena é uma saúde tratada lá dentro do mato. É ótimo saber tratar com as nossas raízes. Tem uma dor, vai lá no mato, rapa uma rapinha de kinakina, faz um chá e aquela dor passa. Hoje a gente tem que ir ao médico, ficar três, quatro dias lutando pra conseguir uma ficha para fazer um exame, para fazer uma consulta. Isso é uma burocracia, a gente tem como se tratar melhor lá dentro do mato.

Então, isso tem que mudar, o índio tem que ter uma pessoa direto, na aldeia, pra levar as pessoas ao médico. Marcar com antecedência lá dentro da aldeia mesmo, para não ficar três a quatro dias em fila de espera. Tem que melhorar o atendimento.

Tem muito tratamento que a gente não sabe, que só quem sabe é o médico. Por exemplo, a gente está aqui e de repente chegou uma dor forte, uma coisa e aquelas raízes não são suficientes para tratar. Então, temos que ir ao médico. Já tratou, ficou bom, mas não ficou totalmente curado, pode ficar com as nossas raízes. Ali, com o tratamento do branco, uma parte da doença cura, outra não. Quando chega na aldeia, tira aquela raiz, tira a rapa, a gente faz o remédio que a gente sabe fazer, pega a jarrinha e faz um chá, toma e vai ficando bom mesmo.

Aldeia

O branco já levou aquele excesso deles lá pra aldeia. Alguns jovens perderam muita tradição indígena e já pegaram o ritmo do branco. Estão perdendo o seu lado de índio. Porque a pessoa

ser indígena lá no mato, sem ter o contato, ela continua com seus costumes, mas como o branco já levou outras sugestões, aí os mais novos já perderam até a língua, por causa do contato com o branco. A gente está perdendo tudo. Eu não acharia bom a gente perder a tradição. Eu quero continuar nossa tradição, lá dentro do mato, sem o branco estar levando certos tipos de coisas que atrapalham o índio. Não tudo, porque não é tudo que atrapalha. Tem um lado bom que ele levam, mas têm outro que só atrapalha.

Para manter os nossos conhecimentos, os mais velhos devem passar a cultura e não deixarem os jovens só aprenderem o lado do branco. Continuar com a luta indígena.

O movimento indígena

Comecei minha luta ao ficar indo e vindo da aldeia para a roça em busca de sobrevivência. Fique casada 1 ano na beira do rio e fomos para o projeto Caraivas, em Santa Maria da Boa Vista. Foi onde começou nossa luta, ficamos lá oito anos. Fui eu, duas irmãs e um irmão. Depois desses oito anos, houve um problema com o cunhado da minha irmã e tivemos que sair de lá. Perdemos tudo o que tínhamos.

Então, vim para Brasília em 1995, trabalhei lavando roupa e achei que a vida estava muito precária em Brasília. Reuni uma gente nossa, formamos uma aldeia, encontramos um fazendeiro que queria vender suas terras e fomos pra lá. Depois de muita luta, em 2003, com a ajuda da Funai, conseguimos regularizar a terra na Bahia, para o povo Atikum. Fizemos uma reserva indígena e 54 famílias se mudaram para lá.

Hoje, na aldeia, temos uma reunião só de mulheres para discutir assuntos importantes para a comunidade. Acho que o homem, quando busca alguma coisa, busca a metade, e a mulher busca inteiro. O que tiver de necessidade pra aldeia, a mulher vai buscar.

Liderança e a Reserva

Depois que reuni todo mundo, as pessoas perceberam que eu estava lutando, tentando arrumar uma área pra gente morar.

“Eu quero continuar nossa tradição lá dentro do mato, sem o branco estar levando certos tipos de coisas que atrapalham o índio.”



Aí, eles acharam que eu poderia ser cacique e me escolheram, porque não tinha cacique na época. Nós estávamos todos afastados e consegui reunir as 54 famílias. Meu marido deu o maior apoio.

Como cacique, recorri ao prefeito, pedi a escola. Este ano já teremos a escola. Fui na Funasa para colocar agente de saúde. Já arrumei mais um carro pra atender na área. Está faltando a cesta básica, mas já estou sendo providenciando. Eu já pedi também um posto de saúde, uma farmacinha.



“Como cacique, recorri ao prefeito, pedi a escola. Este ano já teremos a escola. ”

Religião

A gente tem nossa casa de oração, a gente sai, quando a gente volta, vai faz nossa oração, e sempre faz para ela continuar forte. O ritual é o Toré. A gente faz o chá e faz dança, o Toré.

Vitória Santos dos Santos

Chamada pelas lideranças de cacique geral, Vitória tem 56 anos, é guerreira do povo Karipuna, mora na aldeia Santa Isabel, no município de Oiapoque, Amapá. Desde 1996, é presidente da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – APIO, e prioriza a união dos quatro povos indígenas do Amapá: Karipuna, Paliku, Galibi do Oiapoque e Galibi Marworo.

Aos 13 anos saiu da aldeia para estudar em Belém, onde se formou em odontologia. Depois de oito anos de formada, escolheu ingressar no movimento indígena e lutar pela união e melhoria da condição de vida dos povos indígenas. E hoje também é membro do Conselho Estadual das Mulheres Indígenas do Amapá.

Considera a discriminação racial o maior problema enfrentado pelos povos indígenas e defende a participação da mulher indígena na luta por melhores condições de vida para os índios brasileiros. Acredita que homens e mulheres indígenas devem trilhar seus rumos no mesmo grau de igualdade, permitindo a todos o direito de alcançar a direção de organizações e até mesmo assumir cargos políticos.



“Meu pai não queria muito, mas insisti e fui com minha madrinha para Belém estudar no mundo branco.”



Infância na aldeia

Minha infância foi muito boa, como de toda criança na aldeia. Meu pai foi um grande líder, que já faleceu, e minha mãe era karipuna, mas misturada com Palikur. Como toda criança que almeja algo na vida eu pensava em estudar e ser alguém na vida. Eu sempre via as pessoas que tinham estudo chegarem na aldeia e eu então quis muito estudar. Meu pai não queria muito, mas insisti e fui com minha madrinha para Belém estudar no mundo branco. Sempre tive vontade de voltar para aldeia, voltar para base, para meu povo e isso foi muito importante para minha vida. Hoje o importante para mim é estar na base, na aldeia, buscando fortalecer e continuar luta do meu pai, Manoel Primo dos Santos, o “Coco”.

Movimento Indígena

Em 1981, depois que concluí a faculdade em Belém e retornei ao Oiapoque, iniciei a luta no movimento indígena. Me interessei tanto pela causa que até a profissão de dentista que estudei não quis mais exercer. Exerci somente por oito anos e depois achei que a luta indígena era mais importante.

Passsei a integrar a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque, e continuo a luta até hoje. Pra mim, isso é muito importante, cada passo que a gente dá como mulher, como indígena, é muito importante na nossa vida. Lutar por aquele povo que precisa, povo mais carente.

Acho que a necessidade da gente estar nessa luta é pela minoria. Então, a gente luta por isso, pelo nosso objetivo. E cada dia que passa dá mais vontade lutar. A união dos povos indígenas é muito importante.



“Me interessei tanto pela causa, que até a profissão de dentista ... não quis mais exercer.”

Luta maior

Uma das maiores lutas e também das mais difíceis é com a discriminação racial. Como indígena, eu saí da aldeia aos 13 anos, com o objetivo de estudar, porque na época ainda era o SPI (Serviço de Proteção ao Índio). A gente não tinha estudo. Na aldeia tinha apenas até o 3º ano primário. Eu fui para Belém, com minha madrinha Verônica, hoje falecida, e continuei os estudos até me formar em odontologia. Uma das dificuldades foi eu ter escolhido um curso muito caro. Todo mundo sabe que odontologia é um curso caríssimo e eu enfrentei muitas dificuldades por problemas financeiros, mas consegui alcançar meu objetivo. Depois, eu era funcionária da Funai, hoje não sou mais, eu pedi meu PDV em 1994. Fiquei em Belém até 1991, trabalhando e depois pedi minha transferência para o Oiapoque. Foi quando eu saí da Funai e entrei no movimento.

A dificuldade que eu sinto até hoje, como indígena é a discriminação racial. Até hoje, integrar a sociedade como indígena e como mulher é o mais difícil. Apesar de termos uma luta muito grande, até hoje a sociedade discrimina a mulher.

Eu faço parte do Conselho Estadual das Mulheres Indígenas do Amapá. Acho muito importante a mulher lutar pelos seus objetivos, pela igualdade. Como indígena eu acho que a nossa dificuldade está no mercado de trabalho. Somos muito discriminadas por sermos indígenas. Apesar de que, no meu estado, aqui do Amapá, que tem muito compromisso com as comunidades indígenas, eu sou muito bem atendida. Ainda assim, a gente sente essa dificuldade, a discriminação.

Movimento das mulheres indígenas

O movimento das mulheres indígenas não é feminista. Eu acho que não é um movimento feminista, é um movimento de querer mostrar que nós somos capazes também de conseguir alguma coisa, galgar algo na vida como mulher e como indígena. Não só os homens, porque os homens são muito machistas. O homem indígena ainda é muito machista. Acha que mulher tem que ficar em casa, só quem trabalha é o homem. Eu acho que não é por aí. Hoje a gente tem mulher indígena formada, no segundo grau, na universidade. Este é o nosso objetivo, conseguir ir à luta e estar junto com os homens, mostrar que também somos capazes.

Aqui no Amapá, o movimento ainda está fraco. Elas não se envolvem muito porque, devido à cultura, elas não participam, não viajam. Agora que nós estamos começando a querer criar nosso Conselho de Mulheres, para que a gente possa entrar no movimento.

Direitos iguais aos dos homens

Eu acredito que temos os mesmos direitos. Não sei se porque eu tenho um grau de escolaridade mais elevado, mas eu penso sim, como mulher, em querer competir, mostrar que não é só que ele tem capacidade. Eu também tenho capacidade como mulher, no pensamento, não sei quanto às outras mulheres, mas eu penso sim em galgar, ocupar um cargo da



mesma altura que um homem possa ocupar. Hoje, sou presidente de uma organização e estou prestes a assumir a Secretaria Indígena do Estado do Amapá.

Importância do estudo

Com certeza o estudo é muito importante. Você consegue ter uma visão ampla do mundo. Tive muita dificuldade para chegar aonde cheguei, mas o estudo foi muito importante. Acho que as mulheres indígenas devem também continuar estudando, para alcançar seus objetivos e não ficar só em casa, submissas aos maridos.

Do meu ponto de vista como indígena, hoje, no mundo moderno, nós não podemos viver como tempo do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), quando a mulher só ficava lá na aldeia, não podia ver o mundo lá de fora. Temos que conhecer o que avançou. Temos que acompanhar a tecnologia. Nós, mulheres indígenas, não podemos ficar à mercê da situação, temos que avançar, ir à luta, pensar em ser algo na vida, dar condições aos nossos filhos, ajudar os nossos maridos. Esses são os nossos objetivos. Eu penso dessa forma, mas acho que toda mulher tem esse objetivo.

Hoje as mulheres já começaram a participar de reuniões, elas já querem saber quais são seus direitos, elas já nos procuram na Associação para conversar. Isso é muito importante, porque antes, só se viam homens nas reuniões. Você já vê várias mulheres indígenas participando, se formaram para serem professoras, fazendo faculdade. Hoje elas estão conseguindo se interessar pelo movimento indígena de mulheres. A mulher indígena tem que participar, nós estamos buscando isso, que ela venha participar realmente do movimento. A mulher deve se integrar ao movimento.

Obstáculos

Ainda existe aquele machismo, o pensamento de que os homens é que são as lideranças que devem participar, que devem estar no movimento, ocupar cargo, fazer parte da organização indígena. Mas, hoje, eles estão sentindo que as

...nós não podemos viver como tempo do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), quando a mulher só ficava lá na aldeia...



mulheres estão avançando. Já estamos querendo criar nossa organização das mulheres indígenas do Oiapoque ou talvez até no estado do Amapá. Então, acho que isso está preocupando os homens, porque as mulheres estão ocupando novos espaços, não são só eles agora. As mulheres indígenas estão começando a se desenvolver, a chegar no mesmo nível deles, então isso preocupa os homens. No mundo branco e no mundo indígena o machismo ainda prevalece.

Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – APIO

Faço parte da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – APIO, no município de Oiapoque, Amapá, fundada em maio 1992. A primeira presidente foi uma mulher, Estela Karipuna, minha irmã. Depois tivemos vários presidentes homens, dentre eles o Gregório, um Galibi do Oiapoque, depois o João Neves, Galibi Marworo. Depois, tomei posse em 1996 e estou nela até hoje.

Pretendo me afastar da Associação para que outras pessoas venham ocupar o cargo. Agora as lideranças não querem o meu afastamento por causa do trabalho que desenvolvo, mas acho que já dei a minha contribuição. Logo quero me afastar, mas deixando alguém que dê continuidade ao que comecei, para que a Associação cresça cada vez mais.

O objetivo da associação é trabalhar junto aos povos indígenas do Oiapoque, em prol das comunidades. Buscar, junto aos governos e órgãos competentes, políticas para levar benefícios na área da educação, saúde e infra-estrutura. Hoje, estamos trabalhando com a parceria governo e organizações não-governamentais, nacionais e internacionais, para desenvolver um trabalho conjunto que beneficie a todas as comunidades.

Entre as conquistas da nossa Associação, destaco os projetos de resgate na comunidade, com recursos do PDPI-Projeto Demonstrativo para Povos Indígenas, o projeto da andiroba, que envolve as mulheres, porque na nossa cultura são as mulheres que trabalham com essa semente. Estamos integrando a mulher na comunidade e mostrando seu trabalho. Nosso objetivo na Associação, antes de captar recursos, é também e fazer parte do movimento indígena e trabalhar junto ao governo garantindo



“No mundo branco e no mundo indígena o machismo ainda prevalece.”



leis e políticas públicas para os povos indígenas.

Movimento indígena

No Brasil nos evoluímos muito, avançamos muito. Conseguimos galgar muitas etapas, mas ainda temos dificuldades, como a discriminação, que ainda deixa muito a desejar. Para você exercer um cargo como indígena, a gente sente essa discriminação. Avançamos muito, mas precisamos avançar mais. O movimento indígena ainda é um pouco fraco no Brasil. Temos que fortalecer, unir as forças, ir à luta. Está faltando esse fortalecimento de todas as organizações, de todos os povos. A união para que possamos lutar juntos e conseguir atingir os nossos objetivos. União dos povos no Brasil. Ainda existe uma briga individual assimilada no mundo do branco. Entre os povos, ainda predomina o individualismo. Com o atual crescimento, as pessoas que conseguiram estudar, ter outra visão, querem fortalecer cada dia mais, para que a gente possa conseguir nossos objetivos comuns.

*“Temos que fortalecer,
unir as forças, ir à luta.”*



O apoio da família

Tive apoio da família. Quando entrei na luta eu já esta separada, mas acho que se eu tivesse um companheiro não iria me atrapalhar em nada, porque quando você abraça uma causa, você tem que se dar de corpo e alma. Minha família me dá muito apoio. Às vezes, os filhos reclamam que viajo muito, mas é meu trabalho e gosto do movimento. Quanto mais eu viajo, mais eu conheço os povos e maior é a minha integração com o movimento.

Vitórias

Depois que a gente se organizou na associação criada pelos povos indígenas, avançamos muito. Junto aos nossos governantes, conseguimos muitas escolas, formamos professores, levando o 2º grau. Já temos alguns profissionais formados em nível técnico dentro da comunidade. Com este avanço, vieram as coisas boas, as melhoria, também, infelizmente, outras coisas ruins, trazidas com o avanço da tecnologia, como a perda dos costumes e tradições. Agora estamos querendo fazer um trabalho

para resgate da identidade e cultural, para que possamos ocupar mais a mente, estudar mais, pensar em coisas mais positivas. A associação trouxe muita coisa boa. A sociedade envolvente, próxima da fronteira, trouxe até nós algumas coisas ruins, negativas, como os problemas com invasões do homem branco. A associação está contribuindo para diminuir esse impacto negativo.

Meu nome é Vitória, e já me sinto uma vitoriosa. Sou muito feliz, tenho três filhos, todos casados, duas meninas e um menino, que hoje faz um curso em Brasília, para a elaboração de projetos pelo PDPI e se identifica muito como indígena. Eu me sinto realizada. Se tivesse que parar, estaria feliz por ter contribuído, mas acho que ainda não é o momento. Tenho vontade continuar lutando. Sou Vitória, sou uma vitoriosa e quero continuar lutando e buscando outras vitórias.

Lideranças

Minha relação com as lideranças é muito boa. geral, porque eu represento todos os povos do Oiapoque, as suas várias comunidades. Eles me consideram cacique geral, mas eu não tomo decisão sozinha. Todas decisões são tomadas em reuniões em conjunto com eles. Ouço sempre a opinião das lideranças, respeito muito todos eles e eles me respeitam enquanto mulher indígena. Devido ao meu grau de estudo, eles me valorizam muito. Eles acatam o que eu falo porque sabem que não quero nosso prejuízo, sempre quero apenas o nosso bem. E para as mulheres isso é muito importante. Em reuniões que participo, elas sempre me defenderam e me valorizaram muito como mulher.

Mensagem

Para mulheres indígenas eu diria que se envolvessem mesmo na luta, procurassem realizar o seu objetivo. União acima de tudo. Isso é muito importante, todo mundo lutando, com integração. A mulher se envolvendo mais. Ir à luta, porque temos tudo para conquistar o que queremos. Para meu filho, eu gostaria que ele continuasse na luta e vestisse mesmo a camisa do movimento indígena, fazendo aquilo que gosta, integrando-se cada vez mais e aproveitando a juventude que ele ainda tem.

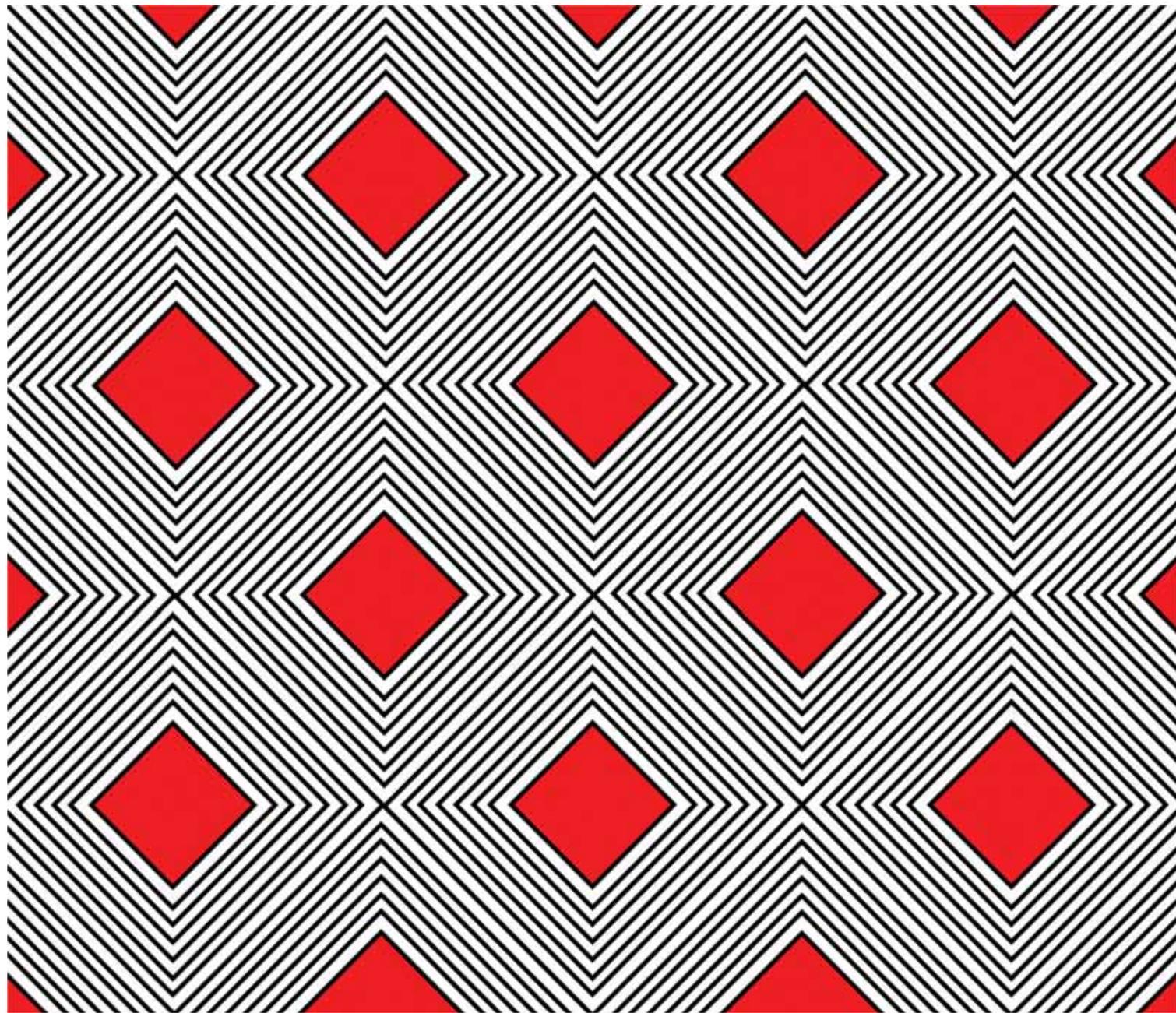


"Todas decisões são tomadas em reuniões em conjunto com eles."



Os nossos sinceros agradecimentos,

A todas as lideranças que acreditam no movimento de mulheres indígenas e aos nossos parceiros que sempre nos apoiaram, na elaboração e execução dessa publicação e ainda, homenageamos e parabenizamos grandes líderes mulheres fortes que de várias maneiras conquistaram seu espaço e levaram mais longe os ideais femininos das variadas etnias.



Ministério
da Educação

